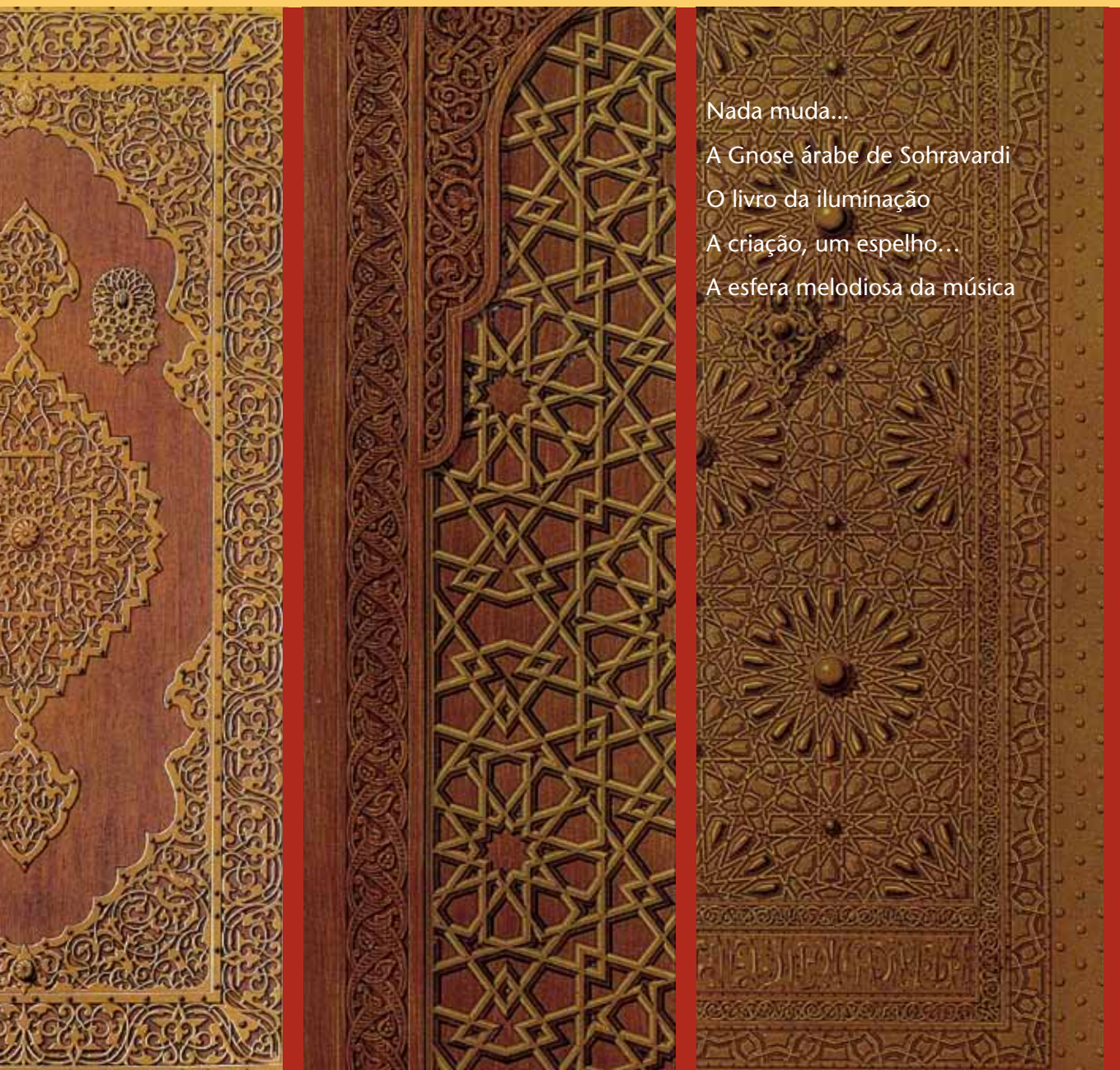


pentagrama

Lectorium Rosicrucianum



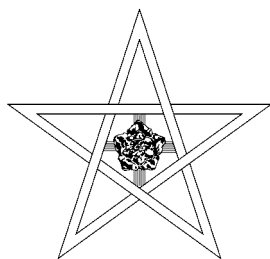
Nada muda...

A Gnose árabe de Sohrevardi

O livro da iluminação

A criação, um espelho...

A esfera melodiosa da música



Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

Redação

C. Bode, A.H.v.d. Brul, I.W.v.d. Brul,
A. Gerrits, H.P. Knevel, G.P. Olsthoorn,
A. Stockman-Griever, G. Uljée,
P. Huijs (editor responsável)

Endereço da Redação

Pentagram,
Maartensdijkseweg 1,
NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.
info@rozekruispers.com

Edição Brasileira

Editora Lectorium Rosicrucianum

Administração, assinaturas e vendas

Caixa Postal 39
13240-000 – Jarinu – SP
Tel: (011) 4016-1817
Fax: (011) 4016-5638
www.lectoriumrosicrucianum.org.br

Editada nos seguintes idiomas

Holandês, Português, Alemão,
Espanhol, Francês, Grego*, Húngaro*,
Inglês, Italiano*, Polonês*,
Russo*, Sueco*

A revista é editada 6 vezes por ano
(*Editada 4 vezes por ano)

Lectorium Rosicrucianum

Sede no Brasil

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP
www.rosacruzaurea.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Roze kruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

pentagrama



Todos os que querem nos ligar outra vez com a grande luz da qual saímos outrora falam a linguagem da alma. É a linguagem que os iluminados aplicam também na poesia e na música. Fala-se que, no fim dos tempos, os filhos da luz tocarão uma música perfeita para seu criador: Eles entoarão todos os temas da maneira correta. Haverá harmonia perfeita. Cada um reconhecerá a tarefa do outro dentro do coração como ele mesmo será reconhecido, e todos entenderão perfeitamente as intenções da luz.

Nessa edição da **pentagrama**, Sohrevardi, Tolkien e Ko Juan descrevem essa idéia brilhante. Beethoven, Ravel, Satie e outros ligam-nos com o efeito da música na alma.

Um relato minucioso sobre experiências de quase-morte mostra como transcorrem os momentos misteriosos do falecimento humano. Esses artigos compõem este número de nossa revista.

Ano 30 número 3 junho 2008

Sumário

- a gnose árabe em três contos de
Sohrevardi – *contribuição da Alemanha* **2**
nada muda... – do lado de lá da vida,
do lado de cá da morte – *contribuição da*
França **7**
a criação, um espelho... – *contribuição da*
Holanda **18**
a esfera melodiosa da música – *contribuição*
da Suíça **24**
a verdadeira virtude – *J.A. Blok* **36**
o livro da pureza – *Ko Chuang* **39**
o mistério do coração **43**

Capa:

Há uma tradição árabe que, depois de séculos, guarda o tesouro da gnose hermética. O poeta e filósofo Sohrevardi, dotado de conhecimento direto, ousou, no século XII, abrir largamente as portas desse espaço secreto – e teve de pagar com sua vida.

a gnose árabe

em três contos

Existe uma linguagem universal feita de símbolos e imagens que se dirige não só ao intelecto, mas sobretudo à alma que desperta. No século XII, o gnóstico persa Al Sohrevardi Shihab al-Din Yahya (1154-1191) era mestre nessa linguagem. Ele conta, em vários relatos, como as almas humanas outrora caíram nas trevas e como podem, por fim, retornar ao país da luz.

Sohrevardi nasceu no vilarejo de Sohrevardi, a noroeste do Irã, e estudou nas cidades de Marâgheh e Isfahan, na Pérsia, depois viajou para o sudeste de Anatólia, onde foi recebido na corte dos seljúcidas e travou conhecimento com príncipes e soberanos. Em Alepo ele conheceu o governador da cidade, filho do poderoso Saladino, famoso no Ocidente desde as cruzadas.

O pensamento de Sohrevardi está fortemente impregnado dos ensinamentos de Hermes. O mundo das idéias de Platão ocupa aí um lugar especial, bem como, é claro, o dos mestres sufistas da Pérsia. Esse grande mestre e pensador baseou-se nas doutrinas do famoso Avicena, as quais completou. Sohrevardi instituiu também uma escola de *Ishraq* (Iluminação). Nela, ele elaborou com seus alunos sua filosofia da luz. Em 1183, ele foi a Alepo, onde acabou sendo preso e executado aos 37 anos em virtude de suas convicções religiosas não-ortodoxas. No mundo islâmico ele é chamado xeique al-Ishraq, que quer dizer, mestre da iluminação (ou da luz).

O SABER INTERIOR Sohrevardi possui, como testemunham seus escritos, o saber interior, o *conhecimento do coração*. Ele sabe ligar esse conhecimento do coração à profunda erudição de um filósofo do século XII. Como filósofo, ele segue seu célebre predecessor, Ibn Sina, conhecido no Ocidente pelo nome de Avicena, morto em 1037. Avicena havia elaborado, com base em

Aristóteles e nas doutrinas neoplatônicas, uma metafísica mesclando a herança da Antiguidade aos conceitos islâmicos. Entre suas mais importantes obras estão seus quatro tratados filosóficos, nos quais ele elabora pormenorizadamente seu ensinamento, a saber: *O livro das indicações*, *O livro das réplicas*, *O livro dos caminhos e dos diálogos* e *A filosofia da iluminação*. Neste último ele elabora mais detalhadamente seu conhecimento da luz por meio de vocabulário e método próprios. Ele afirma que essas quatro obras representam um desenvolvimento progressivo da filosofia lógica rumo à filosofia intuitiva.

O segundo grupo de escritos compreende relatos essencialmente simbólicos. Ele narra a viagem da alma durante as etapas da realização pessoal. Imagens magníficas são usadas em relação a algumas premissas de sua filosofia da iluminação, enquanto ele tenta descrever sua visão intuitiva fundamental.

O terceiro grupo contém tratados curtos, como por exemplo, *Os templos da luz*, onde ele apresenta sua filosofia sob uma forma mais simples. Podemos extrair deles um conjunto de reflexões acompanhadas de orações.

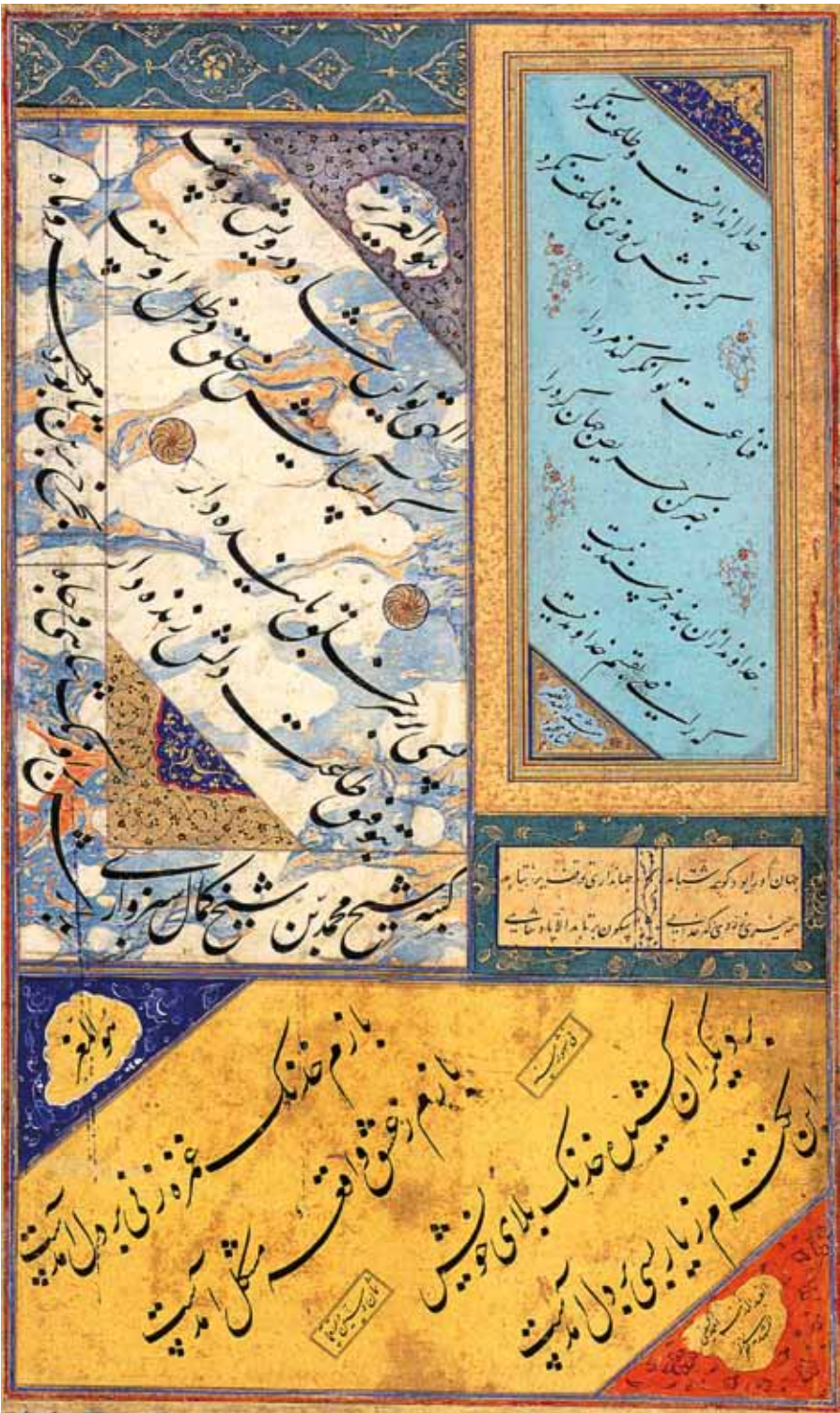
A própria essência da filosofia de Sohrevardi pode ser resumida da seguinte maneira:

- trata-se de um conhecimento sempre atual,
- conhecimento da atualidade (divina),
- a consciência do verdadeiro eu (o conhecimento do coração, a gnose).

Cada ser capaz de ter acesso a esse conhecimento é “uma luz pura”.

de sohravardi

CONTRIBUIÇÃO
DA ALEMANHA



“O exílio ocidental” é a expressão usada por Sohravardi para designar o aprisionamento da alma humana no mundo que não é sua pátria original

Ser simplesmente uma luz pura e incorrupta significa possuir um conhecimento do verdadeiro eu, como ser verdadeiro e divino. Segundo Sohravardi, tal consciência pode ser atribuída não apenas a todas as entidades auto-conscientes, mas também a Deus mesmo, de quem emanou a “Luz das luzes”. A consciência e a intensidade de sua luz contém todas as coisas. Sohravardi não coloca o coração no lugar do intelecto; seu ponto de partida é a emanção da nova alma, da consciência superior, ou seja, da nova razão. O caminho de libertação é um caminho interior que nós abordamos, sem dúvida, primeiro pelo intelecto, e que acaba por

levar à fronteira da consciência superior. Uma consciência assim aparece quando nos voltamos para a luz. Ele trata da queda da alma nas trevas, dito de outra maneira, de seu banimento. Sohravardi, em sua qualidade de *arif* (aquele que sabe), está incluído entre os gnósticos.

Já no século IX era possível obter escritos baseados na filosofia hermética e traduzidos para o árabe. Sohravardi fez um estudo aprofundado deles. Em *O farfalhar das asas de Gabriel*, encontramos três de seus contos que mostram especialmente os laços e correspondências entre suas próprias concepções e o pensamento

TRÊS RELATOS

Cada relato apresenta uma perspectiva diferente. O primeiro, *O farfalhar das asas de Gabriel*, trata da construção do macrocosmo e do lugar do homem na criação divina. Ele fornece imagens do mundo extraídas dos gnósticos neoplatônicos e herméticos. A figura central é o anjo Gabriel, também chamado “Verbo Divino” e “Espírito Santo”. Suas asas representam o mundo da luz e o mundo material das trevas. No segundo relato, *O arcanjo púrpura*, Sohravardi descreve o retorno da alma de luz, o “pássaro da alma”, à sua pátria, o país da luz. O

caminho compreende “sete maravilhas”. Ele começa com a travessia das esferas do Universo e termina na metamorfose da alma que, tendo superado o mundo material, reencontra a fonte da vida. Esse caminho é representado por meio de imagens e peripécias extraídas da mitologia da Pérsia antiga. Reencontramos aqui, por exemplo, os célebres heróis Rostam e Esfandyâr, a clássica montanha de Qâf, e Simorgh, o pássaro místico. O simbolismo do terceiro conto, *O relato do exílio ocidental*, provém em grande parte do sufismo, o ensi-

namento interior do Islã, e contém imagens astronômicas e alquímicas. Esse relato fala do aprisionamento da alma humana em um mundo, denominado “exílio ocidental”, que não tem nada em comum com sua pátria original. Associam-se aí uma geografia interior imaginária, em que países e regiões do mundo islâmico da época simbolizam as etapas de retorno à pátria original. Também nesse conto há inúmeros ensinamentos gnósticos a serem colocados em paralelo com uma fonte gnóstica bem conhecida: o *Hino da Pérola* do Evangelho de Tomé.

hermético. Esses escritos mostram bem que ele não é apenas um filósofo, mas também um homem engajado, sério e realista, que sempre insiste no conhecimento atual, no presente vivo, que surge graças a uma compreensão interior, profundamente vividos, que a seguir serão também captados pela razão. No entanto, o erro não está excluído. Neste ponto, Sohravardi abandona seus predecessores e segue seu próprio caminho, o do “saber do coração”. A essência de sua mensagem é a seguinte: o homem que busca a verdade deve entregar sua alma à luz divina, colocá-la totalmente nessa luz.

O MUNDO DAS ALMAS Os relatos de Sohravardi são inteiramente alegóricos. Cada frase, cada símbolo, é escolhido conscientemente com o objetivo de expressar metaforicamente seu próprio ensinamento. Quem quer que se atenha a esse ponto descobre que as imagens e as comparações não são colocadas umas ao lado das outras de maneira arbitrária para esclarecer algum ponto do ensinamento. O leitor entra em um mundo que não tem nada a ver com o que ele conhece, um mundo que se esconde por trás dos símbolos e leva à vida. Sohravardi não tem a menor dificuldade em andar nesse mundo da alma para exprimir sua verdade interior.

Mas esse tipo de transmissão apresentava





perigo. Na sociedade de seu tempo, era arriscado retratar, sem véus, as cenas simbólicas que ele descreveu; isso podia levá-lo a ser irremediavelmente perseguido como não-ortodoxo. E, mesmo sob o véu dos símbolos, era, ao que parece, muito audacioso naquela época sustentar o ensinamento da pré-existência da alma e da queda da alma humana. Essas noções gnóstico-herméticas foram consideradas subversoras, heréticas, e Sohravardi, então ainda jovem, teve de pagar com a vida por sua audácia ✨

*Het ruisen van Gabriëls vleugels,
(O farfalhar das asas de Gabriel):
três contos de Sohravardi, o
mestre da iluminação, traduzidos
e comentados por Bettina Löber.
Haarlem: Rozekruis Pers, 2008.*

nada muda...

Os testemunhos de “quase-morte” revelam experiências extremas que indicam que após a morte do corpo a vida continua. Mas os universos que descobrimos são paraísos, mundos divinos, campos de ressurreição do verdadeiro homem, o homem divino?

CONTRIBUIÇÃO DA FRANÇA

Existem atualmente diversos testemunhos de experiências feitas “além do véu” e muitas obras abordam esse tema. Com base nessas experiências a pessoa tenta, por exemplo, saber como se parecia antes de seu nascimento (o “renascimento” e a regressão hipnótica permitem conhecer as vidas anteriores) ou ainda descobrir outras dimensões graças à utilização de seus diferentes veículos (corpos etérico e astral) e, graças a eles, empreender viagens ao “Além”.

Às vezes a passagem é forçada por meio de drogas, hipnose, ou mediante o estímulo dos “sete portais dos chacras”. Certos “guerrilheiros do astral” esforçam-se por visitar outros planetas e encontrar seus habitantes, ou querem ler na memória da natureza, o *Akasha*, e descobrir os diversos mundos sutis e seus grandes mestres, assim como os povos subterrâneos, os reinos paralelos aos nossos, os elementais (elfos, silfos, gnomos, salamandras), os devas ou espíritos-de-grupo dos reinos mineral, vegetal e animal.

Por volta de 1930, o doutor John Lilly (1915-2001) já havia consagrado sua vida a experimentar e descrever “estados alterados de consciência”, utilizando-se da hipnose, do LSD e também de diversas formas de meditação, e estabeleceu uma “geografia da consciência”, espécie de autobiografia do espaço interior.¹ Tudo isso, portanto, não é de fato novo, pois sempre existiram grupos para os quais a vida no Além é o objetivo supremo de suas “iniciações”. Um livro como o *Bardo Thodol*, por exemplo, o livro dos mortos tibetano, é até mesmo completamente





consagrado ao acompanhamento dos mortos no Além. Mas atualmente, com o desenvolvimento da medicina e da cirurgia e com o aumento dos acidentes de carro, vemos crescer o número dos que passam pela experiência de quase-morte, o que os anglo-saxões chamam, com pesquisadores como Moody, Sabom e Ring, de *Near Death Experiences* (NDE), experiência de quase-morte (EQM). Paralelamente, vemos o desenvolvimento de “acompanhadores”, versão moderna dos “que passaram” para o outro mundo. No processo natural que representa a morte, essa passagem para o outro lado do véu é, para muitas pessoas, retardada por uma cirurgia ou cuidados médicos, que trazem o viajante de volta para o lado de cá, depois de ele já haver feito uma entrada no outro lado. Quando volta, o viajante não se lembra totalmente do que acabou de descobrir (em parte porque antes de voltar ele tomou como que “um gole de esquecimento” e em parte porque sua experiência é intransmissível, estando além das palavras e possibilidades dos estados ordinários de consciência). Mas ele sabe que acabou de vivenciar uma experiência extraordinária, que não é nem intelectual, nem devida a drogas ou a alguma técnica de meditação qualquer. E para a maioria deles, trata-se da mais impressionante e fundamental experiência de sua vida, que os modificará.

Existe agora e cada vez mais, para qualquer pessoa comum, crente ou não, a certeza de que há, mal ou bem, após a morte, um *continuum*, um depois, outro “algo”, que não se parece com nada em que acreditavam ou lhes foi ensinado, e que além disso

trata-se geralmente de uma plenitude, de um derradeiro refúgio de paz. Mas se os fenômenos de quase-morte fora do corpo são por natureza bem similares aos outros fenômenos de divisão da consciência, vividos com conhecimento de causa por esoteristas e ocultistas, este artigo tem um interesse particular pela EQM, e sobretudo pelas pessoas que a experimentaram, pois, isentos de qualquer dogma, são por assim dizer livres buscadores, habitantes temporários de um país que entreviram, do qual têm a lembrança e para onde desejam voltar.

As descobertas que as EQMs nos permitem fazer são de fato múltiplas e ricas, sendo a primeira delas certamente a de que existe um Além depois de todo sofrimento físico e medo; e que no momento de renunciar à vida, no próprio momento do absoluto “deixar ir”, oscilamos numa espécie de serenidade onde já não há nem sofrimento nem medo, mas paz; nosso ser não se desagrega inteiramente no nada, há uma diminuição de sua densidade, um tipo de dissociação da nossa parte física, enquanto a parte mais sutil permanece consciente.

Experimentamos a maravilhosa sensação de flutuar acima do corpo físico, abandonado à sua sorte, com um sentimento de liberação e de indiferença. Enquanto os outros vivem nos vêem num estado de coma aparente, somos de fato bastante perceptíveis, entendemos e tentamos falar com eles, mas já não podemos nos comunicar com eles. Somos animados com pensamentos positivos por todos os seres e, em relação aos que ainda nos são caros, lamentamos a tristeza que está

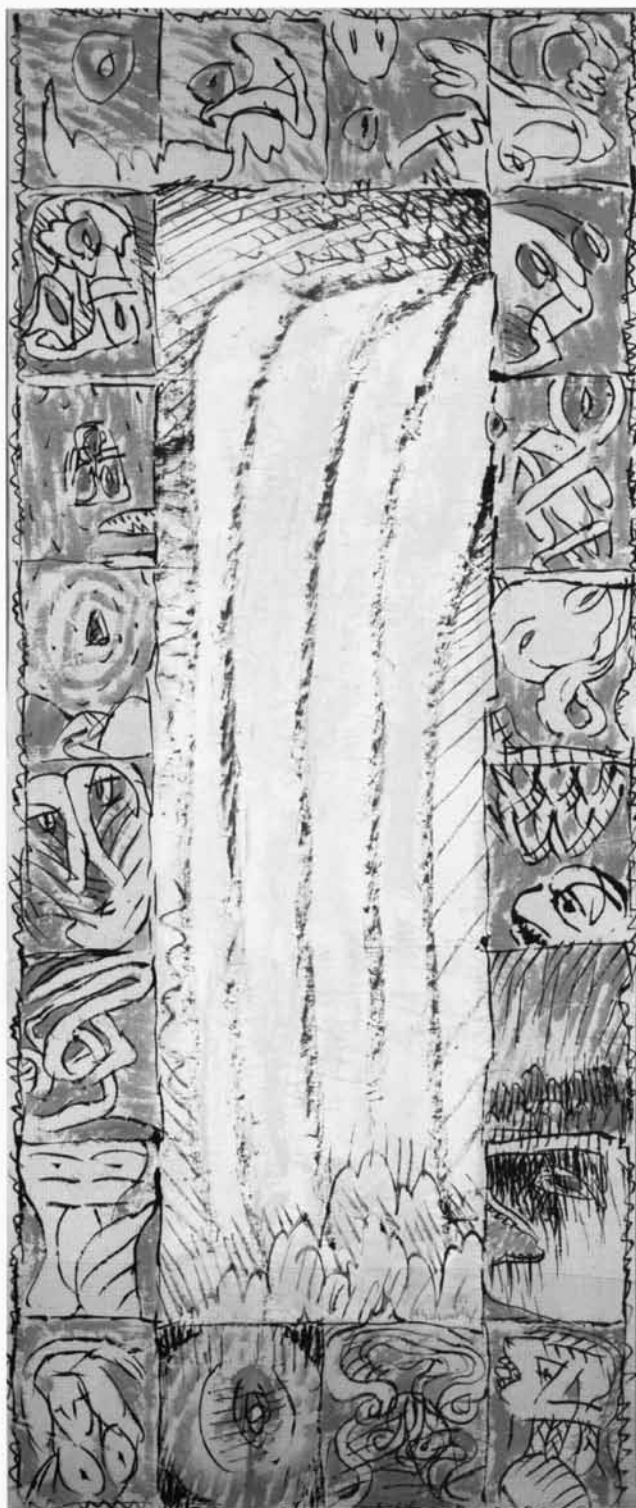


cada movimento, cada desenvolvimento, cada passo deixa suas marcas, porém...

por vir, ao mesmo tempo em que nos sentimos enfim libertos do medo da morte e das limitações terrestres. Os vivos nos parecem então bem mais mortos que nós e sentimos pena pelos que ainda duvidam e estão limitados à vida terrestre. Algumas pessoas ainda se comunicam às vezes com entes queridos, amigos ou parentes mortos que os acolhem com imensa ternura.

SOMOS ILIMITADOS? Além dessas considerações iniciais, fazemos experiências mais fundamentais. Parece-nos que nosso “ser” não tem realmente nenhum limite, estando ao mesmo tempo em parte alguma e em todos os lugares, em cada recanto do universo. Sentimos que cada parte do universo se comunica com todas as outras, formando um único grande todo orgânico, onde o que é grande ou pequeno já não faz sentido, que estamos abarcados nesse *grande todo* e compreendemos todas as coisas. Experimentamos a não-dualidade, a não-separação. Desde então, nossos pensamentos humanos nos parecem totalmente relativos: o santo e o assassino já não se diferenciam aos nossos olhos, pois amamos tudo e todos com o mesmo amor universal. Temos também um sentimento de onisciência, conhecimento que não é intelectual, mas que está ligado ao fato de que estamos no todo. Esse todo é também pluralidade, e principalmente amor. Esse amor é uma música de beleza e harmonia indescritíveis, dentro da qual tudo parece se banhar e se nutrir. Como quase-mortos, já não estamos nem no tempo nem no espaço, estamos num Além onde não há nada de comparável ao que conhecíamos

anteriormente, e dentro dele já não temos nenhuma referência. Esse Além, onde não existem painéis indicadores, é o mundo surpreendente da vacuidade e da plenitude, da consciência de algo que somos e bem mais do que nós, de uma consciência global impessoal, sem desejos, enfim do sentimento de haver finalmente escapado ao tempo e ao espaço, encontrando-nos não no nada ou na nulidade, mas, de forma perfeitamente lógica, na presença do “Isso”. E nos perguntamos como pudemos ter no passado ignorado essa evidência, no entanto tão próxima de nós! Existem ainda muitas outras percepções possíveis, mas elas são as mais frequentes e ficam presentes na memória na forma de traços quando da chamada à vida terrestre pelos médicos, retorno que pode ser feito contanto que o “cordão prateado” da vida não tenha se rompido. Uma vez trazido de volta à vida terrestre, em geral contra sua própria vontade consciente, o experimentador, acalmando-se, questiona se esse estado de consciência era o paraíso, o nirvana, o purgatório, a harmonia das esferas ou outra coisa. Ser supra-terrestre e atemporal que é, nova borboleta, ele se sente embrutecido, comprimido em seu envelope carnal, do qual já acreditava ter se livrado, e que lhe parece, por comparação, tão estreito. Ele virou lagarta novamente! Ele teria muita vontade de voltar “para lá”, a vida aqui em baixo lhe parece uma ilusão, uma prova a passar. Mas tendo quase morrido, ele já não teme a morte. Tendo-a visto de frente, ele perde a dúvida e o medo, essas duas maldições fundamentais do homem.²



O PONTO DE VISTA DA FÍSICA Apesar de não quererem enxergar os fatos, os físicos têm a obrigação de reconhecer que há séculos os grandes místicos de todas as religiões experimentam estados extremos, desafiando as leis ordinárias do mundo material. Esses estados, antigamente enaltecidos como santidade pelo culto dominante da época ou denunciados como bruxaria por outros cultos ou outras tendências, são hoje englobados sob o vocábulo mais seguro de “parapsicologia”. Os seres que fazem esse tipo de experiências parecem de fato penetrar “o real” de uma matéria desconhecida e inacessível ao mortal comum. Eles parecem ter experimentado sensações, níveis de consciência que costumamos designar timidamente de “êxtase” (o que não está errado, pois etimologicamente a palavra evoca uma saída de si mesmo, ou seja, fora de si ou da consciência-eu). É fato notório que o resultado dessas explorações levam a uma profunda modificação de suas personalidades. Certos cientistas puderam ver aí um método de abordar de forma não-convencional “a realidade”, violentando-a, de alguma forma, por meio de um método que, além do mais, não é científico, pois é impossível de ser reproduzido pelos experimentadores. Imprevisível e impossível de ser reproduzida, essa forma de conhecimento extática fora de padrão é portanto negada, senão condenada, pelos que não podem

Pierre Alechinsky, serigrafia:

***De baixo para cima (p.7) e De cima para baixo* representam bem o movimento das duas esferas de consciência entre o Aquém e o Além de nosso mundo.**

...que significam esses traços que um golpe de vento apaga?

praticá-la por conta própria. Os cientistas inventaram, então, outra realidade, talhada na dimensão estrita dos limites do homem materialista e de seu maior atributo, o córtex cerebral. Mas essa realidade científica não seria agressiva, visto proceder essencialmente por análise, quer dizer, etimologicamente por cortes, pela separação das partes de seu todo? E portanto, mesmo no campo dessa abordagem científico-analítica, o conceito “realidade” não resiste ao exame da microfísica (a física quântica)³.

NÍVEIS DE CONSCIÊNCIA De fato, hoje muitos pesquisadores da ciência concordam que mais valeria falar de “diferentes níveis de realidade”, expressão que se parece, aliás, muito com “níveis de consciência”. A definição da consciência está indissociavelmente ligada à da realidade: é apenas a consciência que nos permite perceber e analisar o que chamamos de real. Essa observação é ainda mais importante quando um número considerável de teóricos da mecânica quântica admitem atualmente que, para a física, a consciência do experimentador interage e participa das medições, sem conseguir determinar o que é a consciência, além do que já se sabe. De fato, em mecânica quântica, se determinamos com precisão a posição de uma partícula, sua velocidade permanece indeterminada, e vice-versa. É o famoso princípio da incerteza. É impossível medir simultaneamente grandezas conjugadas dessa partícula, tais como energia e tempo, ou posição e velocidade. Na realidade, no nível quântico, uma partícula possui grande número de estados ou está simultaneamente presente

(em mais de um lugar). Só podemos falar, portanto, de probabilidade, e é o experimentador que, observando-a ou medindo-a com certa intenção, “faz passar” a partícula para este ou aquele estado determinado. Nesse estágio, vale mesmo dizer que é a consciência do observador que determina a medida da partícula, se não a própria partícula. A esse respeito, a fórmula de John C. Lilly tornou-se famosa: “No domínio da consciência, o que acreditamos é verdadeiro ou torna-se, mas dentro de certos limites descobertos experimentalmente; e esses limites são, por sua vez, artigos de fé que é preciso ultrapassar. O Espírito, ele, não tem limite.” À intromissão perturbadora da consciência na física de ponta junta-se outra intromissão, muito mais natural na aparência, mas cujas conseqüências são maiores: a do conceito de “informação”. A informação está ligada ao conceito de desordem, quer dizer, à entropia. Um universo fechado, que se desconecta de seu meio ambiente, se degrada, se empobrece, e vê portanto sua desordem aumentar. Expressaremos isso dizendo que a entropia de um sistema isolado aumenta continuamente. Se o universo é um sistema isolado anisotrópico (cujas propriedades não são as mesmas em todas as direções) sua desordem intrínseca deve, portanto, sempre crescer, e se o homem, esse microcosmo, esse pequeno universo, se separa de seu universo natural e de sua fonte própria, de seu cosmo e seu microcosmo, acontece o mesmo com ele. Podemos concluir que aderir à informação equivale a restabelecer estruturas de ordem. Para o ser humano comum que aceita se limitar ao que acredita ser sua pequena vida terrestre, religar-se



na areia, aqui e ali, traços de algo completamente novo...

à informação da natureza superior traz de volta a possibilidade de frear sua desordem, impedir que a desordem se instale dominante e restabelecer uma estrutura de ordem mais elevada. Quem ousa assim transcender seus limites participa de uma ordem superior, que o transporta muito além de sua própria desordem. Isso pode caracterizar um êxtase.

Enfim, mais um pilar fundamental da física está hoje seriamente abalado, tendo em vista a tese dos táquions, que seriam partículas mais rápidas do que a luz, cuja velocidade seria a fronteira intransponível que serve de base para a atual visão científico-cosmológica do mundo (e sobre a qual foi construída a Teoria do *Big Bang*...).⁴

Aceitar essa tese significa sacudir toda a edificação científica. No entanto, cada vez mais cientistas ousam encará-la. A maior consequência da ultrapassagem da constante da velocidade da luz é a perda do sentido da ligação espaço-tempo. Tendo ultrapassado a barreira da luz, já não existe tempo a uma velocidade infinita, já não há nada além de espaço infinito. Passado, presente e futuro se confundem e todos os nossos referenciais clássicos se evaporam, tornando possível e explicável o que atualmente é impossível e inexplicável. O mundo conhecido, tal como nossos sentidos nos apresentam, nada seria além de uma ínfima parte da realidade. Todos os universos situados além da barreira da luz, e animados por velocidades infinitamente superiores a ela, nos são totalmente desconhecidos em nossos estados “normais”, portanto subluminais e tridimensionais. Se estabelecemos uma comparação com a astrofísica,

podemos considerar nosso mundo cotidiano como um buraco negro onde nem a verdadeira luz nem a informação total podem penetrar. Nosso corpo físico, com seu cérebro e seus órgãos, seria também um miniburaco negro. O universo “superluminal” (tudo que tem uma velocidade superior à velocidade da luz) e, portanto, a consciência superluminal estariam situados fora desse buraco negro. E a fronteira entre o buraco negro e o resto do universo seria a própria barreira da luz. Nessa abordagem, quando os laços que retêm a consciência no mundo subluminal (as interações córtex cerebral/consciência, portanto) se libertam um após o outro, como o fazem na hora da morte, resulta, para os “quase-mortos”, a muito curiosa sensação de se evaporarem de seus corpos; essa sensação está associada a uma impressão de bem-estar muito explicável, pois a consciência, livre do corpo, deixa de receber os influxos dolorosos provindos do mundo físico. Ao longo das fases transcendentais seguintes, a consciência transpõe a barreira da luz (a zona obscura: a famosa passagem pelo túnel) e aborda o mundo “superluminal” onde ela se vê tomada por impressões novas e inefáveis. Os sentimentos de onisciência e onipresença seriam facilmente explicáveis se admitíssemos que é a consciência-matéria “superluminal” que constitui a realidade profunda e primordial do mundo. Nosso universo subluminal e nós mesmos em nossa corporalidade nada seríamos senão um reflexo holográfico dessa realidade superior, reflexo deformado e empobrecido. No universo global “superluminal”, todos os eventos se produziam simultaneamente, já que o tempo deixa de



existir e é eterno. A consciência, nesse universo, tem acesso instantâneo às informações sobre todos os eventos de uma vida humana e provavelmente a muito mais. Sob esse ponto de vista, a imagem ou holograma, que é o ponto de referência do nosso universo subluminal, já não tem nenhuma importância no universo superluminal (uma vez que podemos nos considerar como hologramas, franjas de interferência de ondas positivas e de ondas negativas, portanto de luz e sombra). Nesse universo existe algo de totalmente “outro”. É preciso portanto nos despiremos de todo antropomorfismo a fim de entrever essa realidade global que é de fato a “outra realidade”. Isso nos parece difícil, mas diversas iniciações e, em parte, certas experiências próximas da morte apontam nessa direção.

O PONTO DE VISTA DA ROSACRUZ ÁUREA Compreender a morte é trazer sentido à vida! Aproximar-nos da morte... nos remete a essas questões fundamentais que não nos propomos senão nesse momento: Quem sou eu? De onde venho? Qual o sentido da vida?

O restante do tempo nos deixamos “acinzentar” pela vida... ocupando-nos com vários e intermináveis desenvolvimentos. Mas, num dado momento e de forma irredutível, a morte chega, impondo sua lei, para a qual não estávamos preparados. A morte pode ser vista como uma mudança de estado. Na natureza, estamos habituados a essas mudanças de estado: as estações se sucedem, passam e retornam, infinitamente. Em escala maior, acontece o mesmo com as civilizações:

elas nascem e depois morrem. Para a humanidade como um todo, a sucessão quase eterna dos nascimentos, vidas e mortes faz pensar numa roda que gira incansavelmente em torno de si mesma. Mas o homem é um indivíduo consciente, para quem a fundamental mudança de estado no momento da morte é uma prova. A consciência é uma liga, uma cola formidável que une todas as células do corpo em harmonia com nossos pensamentos e emoções. Graças a ela formamos um todo coerente, capaz de se autodeterminar e mover na corrente da vida. A morte vem romper esse belo conjunto, que nos permite atuar, tomar posições e ter um comportamento conseqüente. A parte densa, física, é despojada, mas a consciência segue, com a parte sutil, seu caminho no éter do mundo, não até a eternidade como alguns poderiam pensar, mas também nesse caso por um tempo determinado, e não significa só felicidade e bem-aventurança. A Rosacruz sempre se comprometeu a explicar o que se passa após a morte. A morte acontece quando ocorre a ruptura entre o princípio animador e o organismo. Deixado para trás pelo seu princípio animador, o organismo, o veículo material composto de células e átomos, decompõe-se. Esse veículo material é dotado de um corpo sutil, o duplo etérico ou corpo vital, que o ultrapassa em alguns centímetros. O princípio animador é de natureza astral e mental, ou seja, constituído de éteres ainda mais sutis que os do corpo vital. Os éteres astrais dão forma às nossas tendências, desejos, emoções e paixões. Eles formam um envelope ovóide, um corpo astral, que engloba os corpos etérico e físico. Os éteres do corpo mental

...e eu me levanto. E em total mudança interior, encontro uma imagem degradada do original

dão forma aos nossos esquemas mentais, nosso poder de pensar. Este último não constitui ainda um corpo englobando os outros três, mas simplesmente uma nuvem pousada como um chapéu sobre os outros três corpos concêntricos.

Os éteres estão em total interação com as células do corpo por meio do sangue, do fluido nervoso, das glândulas de secreção interna e da consciência. A forma natural do homem é, portanto, composta de átomos mais ou menos sutis, de densidade variável – mental, astral, etérica ou física – mas como pertencem à ordem natural, estão todas destinadas à degradação. No momento da morte, uma ruptura do cordão prateado ocorre, dizem os esotéricos. Os dois corpos sutis rompem a ligação com os dois corpos mais densos. O corpo vital empreende a decomposição do corpo físico e os átomos desses dois corpos voltam para seu reservatório natural, a matéria terrestre. “Tu és pó, e ao pó retornarás.”⁵ Então, os dois corpos sutis passam para o outro lado do véu, o mundo astral da terra, e lá permanecem durante certo tempo, com a força de uma entidade individual rica em experiências e ainda dotada de consciência. Mas, feliz ou infelizmente, esse tempo não é eterno. Separados do corpo físico, que tratava de alimentar diariamente as células, não apenas no plano físico como também nos planos etérico, astral e mental, os corpos sutis superiores são progressivamente submetidos, eles também, à dissolução. O que é conservado é um microcosmo contendo a centelha divina original. O microcosmo possui os traços magnéticos das vidas passadas, que formarão a base para suas futuras encarnações. Aqui se

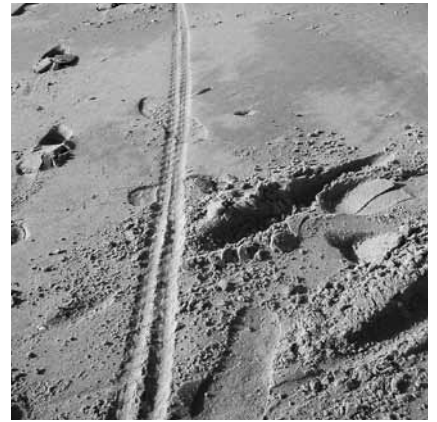
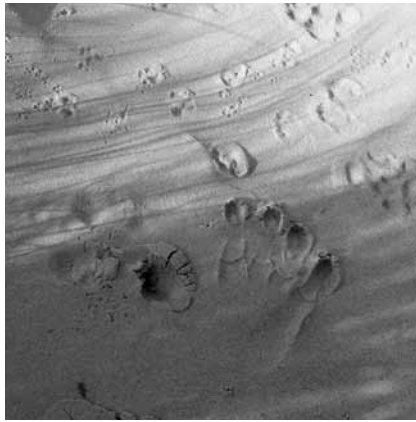
encontra a mais lógica explicação para a reencarnação, porém note-se bem que não há possibilidade alguma de reencarnação da personalidade. Durante o sono do corpo ocorre também a separação dos corpos superiores e inferiores. Nesse estado, não se trata ainda de quase-morte. O corpo vital etérico provê natural e automaticamente a manutenção do corpo material, enquanto os corpos astral e mental procuram se reabastecer no campo astral planetário. Guardamos traços erráticos disso mediante os sonhos. Existem também outras formas mais experimentais onde a consciência pode ser projetada no mundo astral, arrancando-se das realidades deste mundo, por meio do álcool ou de narcóticos por exemplo. Todos sabemos que existe uma grande diferença entre um corpo que dorme e um corpo que está morto. Este último perdeu a vida. O corpo etérico abandonou o físico. O corpo físico comporta em si os limites de sua vida: um órgão perde sua atividade, as células degeneram, ou acontece simplesmente um acidente. O corpo etérico procura manter o contato com o corpo físico o máximo que pode. Mas quando chega ao seu limite, quando flertamos com a morte, podemos transpor parcial ou totalmente o véu que separa o Aquém do Além. Na morte, o corpo etérico se decompõe, mas como ele é a sede da memória, todos os eventos da vida são então imediatamente projetados naquele exato momento: é a famosa retrospectiva da vida que o morto vê passar na sua frente num clarão. Todas essas experiências são impressas de forma magnética nos corpos superiores (o corpo astral e o corpo mental em



Fotos: F. Olsthoorn

desenvolvimento). É de extrema importância que isso se dê de forma tranqüila para que a colheita da vida possa ser bem assimilada, pois os dois éteres inferiores do corpo vital, o éter químico e o éter vital, desaparecem junto com o corpo físico, enquanto os dois éteres superiores, o éter luminoso e o éter mental, passam para os dois veículos sutis superiores, e, sendo análogos a eles, são completamente reabsorvidos. É essa “personalidade” sutil e incompleta que percebe o túnel, as entidades do Além ou algo das comunicações dessas entidades com ela. Essa ligação é essencialmente astral, baseada portanto no que foi sentido : o calor, a cor, o bem-estar, a sensação de

uma liberação se o corpo estava muito doente, ou de uma frustração se a vida se esvai acidentalmente enquanto o corpo ainda está cheio de vitalidade. Portanto, não podemos esquecer que não se trata de um encontro com o divino, mas de uma aproximação do Além, onde uma forma de vida no plano etérico, astral e mental acontece em condições diferentes, mas fundamentalmente similares à vida na terra. Durante esse período, no hospital, meios consideráveis são reunidos a fim de reanimar o corpo material. E o corpo etérico hesita, vacila, mas, quando ainda é possível, é forçado a voltar, devolvendo ao homem a coe-rência de sua personalidade encarnada na matéria.



E esta última guarda na memória toda ou parte dessa experiência de quase-morte. Aqui em baixo, o mundo físico estrutura o espaço e o tempo. Nos planos sutis, tudo é mais fluído, mais fácil ; passado, presente e futuro se misturam. As ilusões são numerosas.

Muitas entidades gostariam de se manter nesse estágio, que consideram como um paraíso, onde guardam sua individualidade e consciência ao mesmo tempo em que estão liberadas da parte material que as atrapalha no mundo tridimensional. Mas o instinto de conservação também reina ali, pois para viver ali elas devem lutar contra a desintegração de seus corpos sutis. Muitos relatos

esotéricos descrevem o que elas fazem para evitar isso. Não falaremos desse assunto nesse artigo. Todos os ideais, todos os fantasmas humanos, todas as egrégoras do mundo, são representados no Além: a cada um seu paraíso. Desejem e se realizará...

Concluindo, as EQM são definitivamente uma experiência extrema, que permite verificar em primeira mão que existe continuidade além da morte do corpo, e que a consciência não tem limites ao transpor o espaço-tempo e suas convenções. Mas o “universo” que elas nos permitem descobrir não é nem o paraíso, nem o mundo divino, nem o campo da ressurreição do homem

Saída induzida

Um eletrodo com um bip persistente ligado ao cérebro de um homem oprimido por um zumbido no ouvido fez que o paciente saísse do corpo. Esse caso particular foi descrito por um especialista flamengo sob a condução do neurocirurgião Dirk de Ridder, na revista ilustrada *The New England Journal of Medicine*. Um homem de 63 anos entrou em contato com o Hospital da Universidade de Antuérpia devido a um constante zumbido no ouvido. Um exame minucioso não revelou a causa. Ele foi tratado por um psicólogo e um psiquiatra, e tomou medicamentos para psicoses,

depressão e epilepsia. Nada ajudou. Após longa deliberação entre especialistas o paciente concordou com uma intervenção experimental. O estímulo magnético por meio de um bip em determinado ponto do cérebro deveria suprimir o zumbido. Para isso, um eletrodo foi colocado na membrana cerebral daquele ponto. A estimulação elétrica, contudo, não acabou com o zumbido. Entretanto, o homem teve a sensação de ter saído do corpo. Ele teve a impressão de estar de pé meio metro atrás de seu próprio corpo. Essa sensação aparecia repetidamente com as pequenas pulsações de determina-

das voltagem e frequência. A tomografia computadorizada já comprovou que determinada região do cérebro está ligada a essas “experiências fora-do-corpo”: dois lobos cerebrais laterais na cabeça comunicam-se, a passagem temporoparietal. Admite-se que a essa região chegam informações de vários sentidos. Para ter consciência de seu próprio lugar no espaço, muita informação de vários sentidos inconscientes deve ocorrer num processo simultâneo e inconsciente. Se isso não ocorre bem – essa é a teoria atual – a pessoa não pode se sentir em seu próprio corpo. *NRC Handelsblad*, 1/11/2007.

O “Outro” eterno vem a meu encontro,
e, restabelecida, a nova vida tem início.
“Morte, onde está teu agulhão?”



verdadeiro, do homem divino. Trata-se simplesmente de um local de passagem, de uma etapa entre o Aquém e o Além, que carrega em si as representações astrais de nossas próprias ilusões. Com a experiência de quase-morte, furamos o muro da nossa prisão material, mas simplesmente para nos juntarmos a uma célula vizinha da mesma prisão, mesmo que ela pareça mais espaçosa, mais luminosa, pois se situa de forma diferente em relação ao tempo-espço próprios do nosso universo. Para nos libertarmos da prisão que se estende desde o Aquém até o Além, é necessário, disse o Buda, “seguir o caminho”. Trata-se portanto, enquanto estamos vivos e com plenos

poderes sobre nossas faculdades, de efetuarmos uma reviravolta consciente e completa em relação ao fato de que estamos todos presos à matéria e petrificados pelo egocentrismo. A vida neste mundo deve permitir libertar-nos desse aprisionamento graças ao despertar da “rosa-docoração”, o princípio de fogo espiritual, latente no coração de todos os seres humanos. A força desse fogo tem o poder de mudar completamente a orientação de todos os nossos corpos sutis e nos fazer sentir e compreender a realidade da única e verdadeira vida. Há milênios esse é o único caminho de libertação, e é nele que se pode encontrar a Escola da Rosacruz Áurea ✨

1 – Segundo o dr. John Lilly, há quatro níveis positivos de consciência a par da consciência comum e quatro níveis negativos ou inferiores, portanto nove no total. O primeiro é o estado positivo de concentração e motivação comum. O segundo, o profundo sentimento de pertencer ao “mundo dos viventes”, sentimento inspirado por poesia, música, artes, amor etc. O terceiro é o dos “poderes paranormais” (telepatia, clarividência, clariaudiência, percepção extra-sensorial. O quarto nível positivo, o “samadhi” de Ramakrishna, seria a “união com Deus”, o sentimento de felicidade suprema resultante da união com o Espírito universal. Os quatro níveis inferiores são reflexos decaídos, o obumbramento dos estados positivos.

2 – Para uma descrição mais ampla de EQM, ver em R. Moody as onze fases características que precedem a morte.

3 – Os quanta são quantidades indivisíveis de grandezas de partículas elementares da matéria que não obedecem às leis da mecânica descobertas por Newton. Por exemplo, uma partícula elementar

pode desaparecer e reaparecer imediatamente em lugares diferentes. Não tem realidade própria, mas a que lhe atribui o pesquisador e as condições da pesquisa. A mecânica quântica define as leis que regem os comportamentos dessas partículas. Muitas realidades coexistem e, segundo o método utilizado, esclarecem uma realidade mais que outra.

Nenhum método científico reconhece ou permite apreender simultaneamente de fato o conjunto dessas realidades. Porém convém indicar o famoso trabalho de Leon Raoul Hatem, o “pai” da “não-gravidade”, que propôs uma teoria eletromagnética que unifica totalmente as leis da Física e propôs uma explicação coerente da cosmogênese (*La fin de l'inconnaissable*, Edições Ganyemède).

4 – Citamos Karl Pibram e sua teoria holográfica, Feinberg e Sudarshan, os “pais” dos táquions, Régis Dutheil e o homem “superesclarecido”, L.R. Hatem e sua matéria consciente e magnética, A. Dobbs e os “psitrões”, partículas que se movem mais depressa que a luz e, recentemente, J. Maguiro, que contesta as teorias atuais que se restringem a uma velocidade constante da luz.

a criação, um espelho...

Há no mundo muitos textos que relatam onde aconteceu a história da criação. Poucos, entretanto, contam o porquê e com que objetivo.

CONTRIBUIÇÃO DA HOLANDA



Existem vários relatos da criação do mundo, no entanto poucos nos explicam o porquê desse lugar e qual é seu objetivo.

Criar, em sentido amplo, significa conceber. Algo é criado, é feito. Os artistas estão constantemente ocupados com o processo criativo. Eles criam músicas, literatura, pinturas, esculturas. Em geral, seu objetivo é exprimir um sentimento, uma emoção. Às vezes é simplesmente a necessidade de oferecer beleza ao mundo, de criar algo que tocará o coração de alguém. Um artista é impelido a exprimir na matéria algo que ainda não tenha existido. Mas como idéia, sentimento, conceito, esse algo já estava há muito presente na esfera astral, uma vez que só se pode reproduzir o que se conhece, sendo irrelevante que esse “conhecer” seja consciente ou inconsciente.

Na antiga sabedoria suméria é dito: “A vida é sempre a mesma do dia anterior”. Na Escola da Rosacruz Áurea há o que chamamos de Conferências de Renovação. Participamos delas porque o objetivo de nossa existência é seguir a via da renovação, o “caminho” que leva à verdadeira vida. Isso quer dizer que deve haver alguma coisa nova sob o sol, que a vida de ontem poderia ser, amanhã, completamente diferente!

Mas será realmente possível fazer que, na nossa sociedade, no nosso mundo, haja uma mudança tão fundamental que leve a uma renovação radical do nosso ser? Esse é o nosso objetivo quando avançamos no “caminho”.

Em 1926, o pintor russo Wassily Kandisky (1866-1944) reproduziu uma maravilhosa imagem cósmica em seu quadro intitulado *Vários círculos*.

O HOMEM DETERMINA O MUNDO E O MUNDO DETERMINA O HOMEM

Uma possibilidade de obter resposta para essa questão é olhar no espelho da criação para ver o que ela representa. Conhecemos a expressão alquímica: “assim como é em cima, assim é embaixo, o que está no exterior é como o que está no interior, o microcosmo é a imagem do macrocosmo”. Um é reflexo do outro. Quando falamos da criação, em geral fazemos referência ao mundo em que vivemos. Estamos ligados a ele e não podemos nos dissociar dele. Tudo e todos formamos juntos a criação, uma unidade indissolúvel, e não podemos fugir disso, embora muitas vezes tenhamos forte inclinação para negar esse fato.

Isso ocorre, por exemplo, cada vez que o homem acredita que pode determinar o curso dos rios sem observar as possíveis conseqüências que isso trará; quando ele decide derrubar florestas inteiras, reduzindo-as a cinzas por dinheiro; vacinar as crianças contra doenças inofensivas fazendo que seu sistema imunológico se enfraqueça; quando decide fazer crescer o mais rapidamente possível as plantas e os animais destinados ao consumo, utilizando para isso produtos destinados a matar insetos, transformando os hormônios e manipulando os vegetais. O resultado é que os insetos, bactérias e vírus se adaptam à química dos produtos tornando-se resistentes a uma velocidade espantosa. Os vegetais e a carne dos animais expostos à manipulação química inescrupulosa alteram-se minando a saúde dos consumidores.

A intervenção do homem na natureza trouxe ao

seu ambiente não só uma poluição de proporções profundas que se evidencia, atualmente, pela crescente falta de água potável, de ar puro, de espaço vital para os animais e as plantas, mas desencadeou uma perturbação preocupante no equilíbrio natural entre as espécies. É assim que a criação nos mostra, por meio dos desequilíbrios manifestados nos animais e na natureza, que não devemos deixar de compreender quais são, nos dias de hoje, as consequências daquilo que chamamos sociedade de consumo.

O QUE ACONTECE NO PLANETA Mas neste planeta também acontecem fenômenos que não são direta, indiretamente ou exclusivamente causados por influência dos seres humanos. O descongelamento das calotas polares e da neve dos topos das montanhas é provocado em parte por nosso comportamento, mas grande parte é também consequência da evolução da natureza. As zonas de temperatura mudam assim como o tempo muda, queiramos ou não, e estamos em um desses períodos. O homem exerce influência na medida em que acelera os processos de mudança por sua atitude diante da natureza. E está claro que atravessamos um período de profundas revoluções.

Além disso, acontece, atualmente, certa “desmaterialização” na humanidade. Observamos que uma parte dela, principalmente no mundo ocidental, necessita de estímulos cada vez mais fortes para preservar a consciência do corpo físico e não se evadir demasiadamente. Outro aspecto desse contato cada vez mais pobre com a natureza é, por exemplo, a diminuição cada vez maior do período de tempo



entre a descoberta de uma doença grave como o câncer, e o momento da morte em decorrência dela, que antes ocorria em meses, até em anos, e hoje ocorre em semanas ou mesmo em dias. Aqui se pode fazer uma comparação entre o meio interior e o meio exterior. Percebemos nossas próprias doenças graves (meio interior) com atraso, e o mesmo acontece com relação à doença e à saúde do meio ambiente em que vivemos (meio exterior). Qual é o efeito da desmaterialização sobre a saúde espiritual? Não é de surpreender que assistamos a um aumento enorme das psicoses, consequência do isolamento social e da orientação massiva para o mundo virtual, que leva a uma perda



A ilustração deste artigo mostra o Gobi como uma estepe árida e deserta. A doutrina universal diz que lá os éteres planetários são transparentes e tao concentrados que as esferas etérica e química do mundo material fundem-se de modo imperceptível. E J. van Rijckenborgh afirma: “Todos os impulsos metafísicos para a regeneração do mundo e da humanidade foram e continuam sendo enviados desse coração do mundo para espalhar-se em raios sobre toda a terra, deixando seus marcos por toda parte. É a Fraternidade dos Siddha, a Fraternidade Universal”.

de contato com as realidades físicas. Sem esquecer o rápido crescimento dos incalculáveis e incessantes estímulos externos que ultrapassam qualquer expectativa de limite aceitável para os nossos sentidos e ainda a overdose de impressões impostas ao nosso cérebro, que por todas essas razões se torna incapaz de enfrentá-las. Então acontece a crise nervosa, logo em seguida se instala a dissociação mental e a consciência explode em pedaços. Observamos isso

em crianças seriamente traumatizadas que podem desenvolver personalidade múltipla, distúrbio que elas carregarão por muito tempo. Aliás, o número de crianças traumatizadas vem demonstrando um crescimento cada vez maior.

OLHAR PARA SI MESMO O que é esta sociedade que nós mesmos criamos? Um campo de batalha ou um parque de diversões? Ou um espelho

visando nos tornar conscientes de nós mesmos e de nosso lugar neste conjunto? Ainda podemos fazer esta sociedade corresponder ao plano da criação original? Examinando a criação, examinamos a nós mesmos. Se pensarmos que ela nasceu do acaso, que ela nada mais é do que algo que um dia explodiu e onde o ser humano, graças a seus átomos, moléculas e gases, acabou evoluindo como senhor e mestre de um mundo ainda em gestação, não teremos dúvida de que a criação refletirá essa imagem em todos os

reinos constituídos na natureza e conseqüentemente em nós e em nossas criações, que são os reflexos da nossa consciência.

No entanto, quem pensa que a criação representa uma unidade, um plano consciente visando um objetivo, e que também se faz parte dessa criação, será cedo ou tarde atingido pelas ilusões desta sociedade manipulada. No espelho da criação todos nós veremos um dia os sofrimentos e os danos dos quais padecem a natureza, os seres humanos e os



Fazemos parte da criação. A sociedade é nossa criação e nela mostramos quem somos

animais. E inexorável será a conclusão: “este não é o caminho certo, tomamos a direção errada, é preciso procurar o verdadeiro objetivo da criação”. E seremos testemunhas do cumprimento da sentença: “Estado de consciência é estado de vida”. Somos parte da criação, nos organizamos criando a sociedade, e ela nos mostra exatamente quem somos, e não há dúvida de que o sabemos. Desde que a humanidade existe estas perguntas são feitas incessantemente: “Homem, quem é você? De onde

você vem? Aonde vai tão apressado?”

Cada um pode responder essas perguntas no plano pessoal. Porém, de que maneira o homem que busca respostas profundas, percebendo que a criação se baseia num objetivo preciso, responderá a essas questões olhando no espelho da criação e se vendo na qualidade de criatura? Se a consciência anímica houver despertado em seu interior, ele será levado a se conscientizar de que, prosseguir no caminho materialista, que requer uma aceleração maior e um “cada vez mais de tudo o que se possa imaginar”, causará inevitavelmente a morte da alma. Mas se mudar o curso de sua vida e decidir dar o primeiro passo no caminho da vida original, o “outro” se revelará nele, e só então terá início a transformação fundamental que possibilitará a renovação radical de seu ser.

A RESPOSTA QUE VEM DAS PROFUNDEZAS DA ALMA À primeira pergunta: “Homem, quem é você?”, a resposta que vem das profundezas da alma ressoa: “Eu sou uma centelha de luz errante neste mundo, o filho perdido”.

À segunda pergunta: “De onde você vem?”, a resposta lhe saltará imediatamente aos olhos: “Eu venho da unidade, da luz divina, mas caí e me tornei prisioneiro deste mundo obscuro e doloroso”. E à terceira pergunta: “Para onde você vai?”, a personalidade pode responder, mas ela pode pensar que não vai a lugar nenhum, que é prisioneira do círculo vicioso deste mundo do nascimento e da morte. Entretanto, no mais profundo de si mesmo, o filho perdido responde: “Eu percorro o caminho que conduz à luz divina da unidade original” ❀



a esfera melodiosa da música

No sábado 28 e domingo 29 de julho de 2007, houve, no Centro de Conferências Catharose de Petri, em Caux, um simpósio extremamente interessante sobre música, relacionado a todas as tentativas de ascender à espiritualidade.

Victor Hugo definiu música da seguinte maneira: “A música expressa o que não conseguimos dizer e o que é impossível calar”. E Rudolf Steiner explicava: “O que a alma experimenta no caminho de sua iniciação não pode ser compreendido; mas pode ser cantado ou transformado em composição musical.” Essa é a função da música ao longo da evolução humana.

Nesse sentido, pode-se resumir a idéia principal deste artigo: “A música é a história mundial da alma”. Do ponto de vista vibratório, a música compreende uma imensa variedade de ritmos: dos mais simples, cânticos folclóricos e religiosos, até as mais complexas estruturas das composições e harmonias da música ocidental. Muitos motivos são fugidios, intangíveis, e mal podemos determinar onde cessa a música clássica e onde começa a música pop. Além disso, como que impelido por um fogo interior, o ser humano é levado a expressar e manifestar suas impressões, sua alma, por meio da música. Paralelamente, o reino musical adquiriu a imensa dimensão do mundo atual.

COMO NASCE O ANSEIO A música atua como intermediária, esta é a sua função principal: ela vivifica o anseio de maneira incessante. E a existência do anseio mostra que existem diferentes estados e diferentes níveis, que estimulam “o anseio de um pelo outro”.

O axioma principal da Rosacruz que afirma que

existem duas ordens de natureza, a divina e a terrestre, é, em nossa opinião, a causa do anseio. A consciência determinada por nosso estado presente pertence a este mundo, a esta natureza. Ela está sujeita a mudanças profundas, geralmente decisivas. É possível que em dado momento a consciência se sinta prisioneira após eventos marcantes, experiências situadas na fronteira da realidade material, experiências insatisfatórias que conduzem à busca de uma saída. Então, a consciência põe-se buscar sem descanso até atingir a fronteira de outra realidade existencial: o lugar de passagem rumo ao reino divino. É assim que o buscador se torna um habitante da fronteira. Nesse lugar também existe música. É surpreendente como Shakespeare fala disso em *O mercador de Veneza*. Numa noite tranqüila, ao clarão da lua, Lorenzo declara à sua bem-amada:

Senta-te aqui, Jéssica, e observa como se acha o soalho do céu todo incrustado de pedacinhos de ouro cintilante. Não há estrela, por menor que seja de quantas aí contemplos, que em seu curso não cante como um anjo, em consonância com os querubins dotados de olhos moços. Na alma imortal, essa harmonia existe. Mas enquanto estas vestes transitórias de argila a envolvem muito intimamente, não podemos ouvi-la.

Como habitantes da fronteira, conhecemos muito bem nossa antiga natureza. Nossa orientação nos conduz rumo a um reino cuja estrutura e todos os detalhes são totalmente diferentes e parecem



Deus, ele encontre a realização na “vita nova”, tal como o afirma Dante. Apenas então o anseio deixa de existir. Nada pode desviar, abalar ou confundir esse anseio... Não se trata jamais de um estado permanente, ele pode consumir-nos, mas ao mesmo tempo é o sal de incontáveis experiências que devemos realizar.

Também é dito que ele é a ponte entre o mundo imperfeito e o reino situado na fronteira da vida original divina. Em sua pura essência, a música também se encontra ali. Ela é um dos meios de expressão mais importantes do grande anseio.

Quanto mais direta e mais espontânea é a música, mais ela toca o buscador. Nesse caso, ela é a

idéia e mostrar que a música atua de modo mágico, do qual ninguém pode escapar. Ela tem o poder de despertar recordações antigas, longínquas. O ouvido é o mais antigo órgão sensorial humano, o primeiro a se formar no embrião. Ele talvez até seja uma lembrança do percurso de nossa evolução, remontando a nossas origens. As primeiras palavras do Evangelho de João fazem referência a essa época: “No princípio era o Verbo”. Podemos portanto imaginar que o sentido da audição já existia desde o início. O estado da alma humana atual é extraordinariamente diferente. Concluindo-se que a alma-espírito do novo homem, do homem renascido, deve ser sensível às sublimes

O desejo pode lançar uma ponte entre o homem imperfeito e o domínio situado no limite da vida divina

linguagem universal do reino imutável, capaz de revelar o que há de mais secreto, desejado, sutil. Sem exageros, podemos dizer que nenhuma outra linguagem se expressa mediante tantos registros e matizes.

SEMELHANTE ATRAI SEMELHANTE Quando, próximos a um piano, entoamos a nota “lá”, fazemos vibrar a corda correspondente. As sonoridades da música, linguagem universal de todas as aspirações, ressoam nos seres humanos, fazendo-os vibrar, seja qual for seu país, sua raça ou cor. Entre a própria essência da música e das almas, existe um elo muito especial: a alma é comparável a uma caixa de ressonância onde a música executa suas melodias, que vibram na alma.

Poderíamos ainda continuar a desenvolver essa

ressonâncias do Logos, ao Verbo divino, esta tão conhecida frase do Gênesis (1, 26) reveste-se de um significado novo e vital: “E Deus fez o homem a sua imagem e semelhança.”

A MÚSICA DAS ESFERAS Essas considerações evocam um conhecido conceito: a harmonia das esferas, ou a música das esferas. Essa expressão relembra igualmente o tema primordial da existência humana, que também foi o princípio do som. Na história da música, numerosos são os testemunhos, na maior parte das vezes inconscientes, relativos a esse mistério. Empregamos o termo “inconscientes” porque certamente nossa consciência atual, bem como nossos ouvidos, são incapazes de ouvir ou compreender essa “música das esferas”. Beethoven, inspirado por uma premonição mística, declarava a esse respeito:

O Um, chamado Ilúvatar

**Extraído de *O Silmarillion*,
de J. R. R. Tolkien**

Havia o Um, chamado Ilúvatar. Ele criou primeiro os Ainur, os Sagrados, gerados por seu pensamento, e eles cantaram em sua presença, e ele se alegrou. Entretanto, durante muito tempo, eles cantaram cada um sozinho, ou apenas alguns juntos, enquanto outros escutavam; pois cada um compreendia apenas aquela parte da mente de Ilúvatar da qual havia brotado e evoluía devagar na compreensão de seus irmãos. Não obstante, de tanto escutar, chegaram a uma compreensão mais profunda, tornando-se mais conscientes e harmoniosos.

E Ilúvatar os reuniu e lhes indicou um tema, pedindo-lhes que criassem, com base nesse tema, juntos e em harmonia, uma música magnífica. E disse-lhes que, como os havia inspirado com a Chama Imperecível, deveriam demonstrar seus poderes ornamentando esse tema, cada um com seus próprios pensamentos e recursos.

E eles começaram a produzir um som de melodias em eterna muta-

ção, entretecidas em harmonia, as quais alcançaram as profundezas e as alturas, e as moradas de Ilúvatar encheram-se até transbordar, e a música e o eco da música saíram para o Vazio, que já não estava vazio. Nunca, uma música como aquela havia sido feita em parte alguma. E Ilúvatar estava muito satisfeito com eles, pois essa música era a expressão do Um: Ilúvatar.

Um deles, chamado Melkor, invejou a força criadora de Ilúvatar. Sozinho ele teceu uma grande peça musical. Ilúvatar viu isso, levantou a mão e o tema parou. Ele sorriu e deixou-os recomeçar. Mais uma vez Melkor entremeou na canção celestial seus próprios sons, dessa vez mais evidentes e desafiantes. Muitos dos outros ficaram confusos e em dúvida sobre continuar seus sons ou juntar-se aos de Melkor.

Mais uma vez houve uma guerra sonora, dura e penetrante. Novamente Ilúvatar ergueu a mão e a música parou. Sua expressão era severa. Pela terceira vez a música celestial começou; nela, toda a glória e majestade de Ilúvatar era cantada, e isso trouxe

grande harmonia e beleza. Exceto a Melkor. Ele estava muito determinado a continuar com seu tema e abertamente fez que os outros o seguissem. Muito ficaram confusos e hesitaram. Eles não sabiam como resistir à música de Melkor, que era completamente diferente da que eles cantavam. Muitos, entretanto, permaneceram fiéis a Ilúvatar e cantaram-lhe louvor e glória. Então, aconteceu de não haver apenas uma música, mas duas músicas soando ao mesmo tempo, e elas eram muito diferentes. Uma era profunda, vasta e bela, mas lenta e mesclada a uma tristeza incomensurável, na qual sua beleza tivera principalmente origem. A outra havia agora alcançado uma unidade própria; mas era alta, fútil e infundavelmente repetitiva; tinha pouca harmonia e procurava abafar a música celestial com a veemência de seu som.

No meio dessa contenda, nas quais as moradas de Ilúvatar sacudiram e um tremor se espalhou, atingindo os silêncios até então impassíveis, Ilúvatar ergueu-se mais uma vez, e sua expressão era terrível de ver.

“Quando à noite contemplo extasiado os céus e a enorme quantidade de astros que permanentemente dançam em suas órbitas, os chamados sóis e terras, o meu espírito voa para miríades de quilômetros para além dessas estrelas distantes, até a Fonte Primeira que deu origem a todas as formas e de onde surgem eternamente novas criações. O que é um corpo sem espírito? Somente poeira e detritos.”

Nas tradições dos mistérios gregos é dito que a harmonia das esferas não é audível, mas que Pitágoras, o sábio de Samos, era capaz de ouvi-la num plano espiritual. Pitágoras propôs-se como missão transformar as sensações de seus alunos a fim de que suas experiências sensoriais relacio-

nadas à música lhes permitissem transformar a própria alma (Jâmblico, c. 300 d.C.).

Para Maurice Ravel, existe um dilema entre a sublime força do Logos e o frágil poder humano de distinguir sua ressonância para exprimi-la de modo sutil. Ravel afirma: “A maior força do mundo é o pianíssimo”.

Também o silêncio, em música, adquire um grande significado. Ele então é denominado pausa. Os diferentes gêneros de pausa num movimento rítmico, os silêncios entre a inspiração e a expiração da expressão musical, e até mesmo as grandes pausas, relacionam-se com o fluxo musical. São partes criativas vivas, indispensáveis, como o silêncio anterior e posterior a um espetáculo musical.

Ele então levantou as duas mãos e, num acorde, mais profundo que o abismo, mais alto que o firmamento, penetrante como a luz do olho de Ilúvatar, fez a música parar. Então Ilúvatar falou e disse-lhes que queria tornar visíveis também a eles todas as coisas para que vissem o que haviam feito, para que percebessem que nenhum tema poderia ser tocado sem ter nele sua fonte mais remota. Então ele olhou o Vazio e disse: "Contemplem sua música!"

E eles viram um mundo completamente novo tornar-se visível a seus olhos; e ele formava um globo no meio do Vazio, e se mantinha ali, mas não fazia parte do Vazio. E eles viram como surgiu a vida nesse mundo e sua história se desenrolou exatamente como eles haviam cantado. Eles viram que ele nascera tanto do bem como da ira. Contemplaram também o que haviam criado em sua imprudência. É dito que nos final dos dias os filhos de Ilúvatar comporão uma grande peça musical para ele. Então o tema será tocado de modo

correto e se trinará realidade no momento em que for interpretado, pois todos o entenderão e a verdadeira finalidade de sua parte, e cada um compreenderá a função do outro.

Tolkien, J. R. R., *O Silmarillion*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



A VISÃO DE FERRUCCIO BUSONI Busoni, pianista italiano e compositor, escreveu em 3 de março de 1910: "Vinde, segui-me rumo ao reino da música. Rejeitastes as correntes terrestres que vos impedem de vos aproximar da eternidade? Vinde, pois! Aqui o encantamento não conhece limites. Vós ainda nada ouvistes, pois que tudo ressoa. Começastes a distinguir. Ouvi, cada estrela possui seu próprio ritmo, e cada mundo possui sua própria pulsação. E em cada estrela e em cada mundo o coração de cada ser vivo bate de modo diverso. Entretanto, todas as batidas concordam e são uma unidade e um todo. Podeis ouvir os graves e agudos? São incomensuráveis como o espaço e infinitos como o número. Como esteiras estendem-se de um mundo a outro escalas inima-

gináveis, fixas e todavia em eterno movimento. Cada som é o centro de círculos incomensuráveis. Então o timbre se revela. Suas vozes são incontáveis, comparado a ele, o murmúrio da harpa é uma zoeira, o clamor de mil trombetas é um chilreado. Todas, todas as melodias, as que já ouvistes e as jamais dantes ouvidas, ressoam simultaneamente, elas vos portam, envolvem, acariciam – as melodias do amor e da paixão, da primavera e do inverno, da melancolia e do riso – elas são as almas de milhões de seres e em milhões de épocas. Se focalizardes vossa atenção em uma delas, perceberéis como ela está interligada a todas as outras, como ela está afinada com todos os ritmos, colorida de todos os timbres, acompanhada de todas as harmonias, até as mais inacessíveis profundezas,

Cada estrela tem seu ritmo e cada mundo, sua medida

até as mais longínquas abóbadas celestes. Assim podeis perceber como os planetas e os corações são um todo único e que em lugar algum pode haver fim ou obstáculo; que o infinito vive inteiro e indivisível no espírito dos seres; que cada coisa é, ao mesmo tempo, infinitamente grande e infinitamente pequena; que o que existe de mais extenso equivale a um ponto; e que luz, som, movimento e força são idênticos. E cada um por si e todos unidos constituem a vida.”

O SISTEMA TONAL Após essas pequenas etapas nas mais elevadas esferas das considerações humanas, retornemos a esta terra, onde Pitágoras nos legou um tesouro inestimável. Referimo-nos ao sistema sonoro utilizado pela música para transmitir tudo o que nosso coração e nossa alma desejam exprimir.

Conhecemos a noção de escala. Para Pitágoras e seus alunos, a escala não representava simplesmente uma seqüência de notas ordenadas segundo leis exatas. Ela constituía realmente uma escada celeste, um instrumento que concedia aos alunos da escola pitagórica a possibilidade de evoluir no plano espiritual.

A oitava constituinte do sistema tonal compreende doze semitons, o décimo-terceiro é a resolução e constitui, por sua vez, a base da oitava seguinte. Podemos considerar que esta divisão em 12 é uma referência ao zodíaco. Quanto à escala composta de 7 notas, ela poderia sugerir os 7 antigos planetas. Essa escala termina na oitava nota, base da escala seguinte.

Aqui, talvez nos lembremos que Cristiano Rosacruz – protótipo de um ser que segue o caminho espiritual – após ter percorrido os sete andares de uma torre iniciática, chega a um andar secreto, o oitavo. Para ele, trata-se da porta da vitória, a porta da oitava espiritual superior. Na música, nos encontramos a cada vez na nova escala da oitava superior seguinte. Tudo isso se relaciona com o que chamamos sistema tonal. Durante o século XX, esforços prodigiosos foram realizados para abandonar esse sistema, para desmontá-lo, pois muitos acreditavam que ele aprisionava a audição. O resultado disso é a música atonal. Às vezes se diz que ela não é musical, porque seria construída fora das leis da Física. Mesmo que o impulso de romper com o que nos é transmitido desde tanto tempo seja compreensível, não podemos deixar de verificar que essa libertação forçada resulta em cacofonia. O espaço de ação conferido ao ser humano é limitado, diz Steiner: “No que se refere ao cosmo, nós somos ainda hoje quase 100% analfabetos. Devemos ainda aprender a ler, mal sabemos soletrar.” O mecanismo desse instrumento que chamamos homem está emperrado, e nossa harmonia, nossa sinfonia, ecoa dissonâncias caóticas.

TOM MAIOR E TOM MENOR É evidente que a nova consciência em formação bem como o novo modo de vida criarão simultaneamente novas sonoridades e novas formas musicais. Todavia, mesmo no antigo sistema pitagórico, podemos ainda perceber uma multiplicidade de expressões que poderiam ser aprofundadas. Houve, por exemplo, a diminuição de um semitom da terceira nota



da escala, que levou à criação dos tons menores. Isso abriu vias inimaginadas (sem mencionar os modos antigos). Ao que parece, os tons maiores possuem uma tendência masculina, elevada, impulsiva (“yang”, diriam os orientais), enquanto que os tons menores seriam, pelo contrário, de tendência feminina, terna, protetora (“yin”). Seria absolutamente injusto qualificar os tons menores de tristes.

Podemos também interpretar os tons maiores e menores esotericamente. A quádrupla personalidade humana (química, vital, astral e mental) implica em que os dois corpos materiais e os dois corpos sutis funcionem e dominem de maneira alternada. Se a música transmite uma impressão convincente num movimento em linha reta (impressionando primeiro os corpos físico e vital), é o tom maior que passa ao primeiro plano. Se

ela suscita um sentimento de abandono a algo de intangível, impressionando os corpos astral e mental, é o tom menor que predomina. Desse modo, podemos considerar que a paleta de cores musicais é de uma imensa riqueza.

PITÁGORAS E A ESPIRITUALIDADE NA NATUREZA DA MORTE Pitágoras está bastante ligado à música ocidental. O princípio das leis de nossa natureza pertence ao grande campo de vida cósmica. Nesse sentido, Pitágoras é um instrumento, um obreiro nas vinhas de Deus. Ao longo de suas pesquisas matemáticas, além de deduzir a relação entre a hipotenusa a (lado maior) e os catetos b e c (lados menores) de um triângulo retângulo, ($a^2 = b^2 + c^2$), ele também possibilitou a base do sistema tonal. Na Grécia antiga, ele propunha a seus alunos que abrissem um caminho libertador abandonando os grilhões da natureza

“Ora, devo dizer que vocês acabaram de assassinar Beethoven!”

decaída. Com esse objetivo em mente, ele colocava a alma original e a harmonia das esferas em relação direta: antes de embrenhar-se no corpo terrestre, a alma encontrava-se na harmonia perfeita e assim todas as suas atividades procediam da mesma harmonia.

Mas Pitágoras também aceitava a real decadência de nossa natureza. Nosso desvio (nossa queda no domínio terrestre) não se manifesta apenas nos detalhes. Algumas estruturas e leis extremamente diferentes exercem aí o seu domínio, e o resultado é uma ordem completamente perturbada. Os matemáticos e geômetras conhecem o que chamamos a quadratura do círculo (o insolúvel problema de se construir um quadrado de mesma área que um círculo, o resultado da operação é irracional).

Também na música encontramos-nos diante de um problema insolúvel: passar de uma oitava à outra supõe que dupliquemos o número de vibrações, a frequência (medida em Herz), da escala anterior. Por outro lado, uma quinta (a 5.^a nota de uma escala) divide a oitava na proporção 2:3. Teoricamente, a superposição de sete oitavas deveria resultar numa frequência de 12 quintas. Mas quando realizamos a soma das quintas, o resultado é uma oitava nota, cerca de um oitavo de tom acima da soma das oitavas. Trata-se do “coma pitagórico”. Na prática, essa imprecisão é eliminada mediante uma correção mínima de frequência em determinadas notas. No piano, fala-se do “piano bem temperado”. Esses problemas insolúveis mostram-nos que uma eventual “criação perfeita” já perdeu sua perfeição por causa das leis determinadas pela natureza. Portanto, a

linguagem musical deve igualmente servir-se de um sistema imperfeito para exprimir-se em todos os seus matizes neste mundo imperfeito.

A IMPERFEIÇÃO DA NATUREZA HUMANA No que se refere à execução da música existe ainda mais imperfeição. Para começar, pensamos imediatamente nas pessoas que, no estado de degradação geral da humanidade, tentam fazer música. Quando uma criança nasce, freqüentemente as condições são distantes do ideal. Muitas vezes temos a impressão de que as dificuldades específicas dominadas com esforço colocam alguém em posição de se desenvolver muito acima do nível elementar. Citamos aqui exemplo de um professor universitário que pede a opinião de seus alunos sobre a seguinte situação: “Suponhamos que vocês se encontrem diante de uma família na qual o pai é alcoólatra e a mãe tuberculosa. Eles tiveram quatro filhos: o primeiro é cego, o segundo faleceu, o terceiro é surdo e o quarto é tuberculoso, como sua mãe. Ela espera um quinto filho. Que conselho vocês dariam a essa mãe?” A maioria dos estudantes, utilizando o raciocínio moderno, respondem que ela deveria abortar. O professor reage com certa irritação: “Ora, devo dizer que vocês acabaram de assassinar Beethoven! As condições descritas anteriormente são exatamente as mesmas nas quais vivia a família desse compositor...”

A MÚSICA, INSTRUMENTO DA ALMA A música poderá ainda ressoar nos corpos imperfeitos dos homens egocêntricos? Como as coisas se passam numa orquestra? À questão: “Numa orquestra, qual é o instrumento mais difícil de se tocar?” o célebre maestro norte-americano

Leonard Bernstein respondia de modo premeditado e desafiador: “O segundo violino!” A ação que a música deveria exercer num humano pode inspirá-lo a mudar de direção? Felizmente existem numerosas provas de que a música geralmente segue seu caminho. O folclore tão abrangente, variado, é um meio musical universal que, nas suas formas mais antigas, obtém sempre e em toda parte, resultados surpreendentes. O mais freqüente é a música simples que é compreendida instantaneamente e toca todos os sentidos humanos. Ao mesmo tempo em que inspira dança e movimento, ela exprime sentimentos religiosos e amorosos. Evidentemente, é necessário que se disponha dessas formas de expressão para que as emoções do coração se elevem. Cada vez que um aspecto da verdade se revela, ele deve manifestar-se em música. Nas tradições religiosas, o grande significado da música cantada é um fato evidente. O décimo terceiro cântico de arrependimento da Pistis Sofia trata disso. Os maniqueus possuíam o *Hino da Pérola*. No salmo 33 é dito: “Cantai ao Senhor um cântico novo”. E o jovem Jacob Böhme escreveu no seu excelente primeiro livro, *A aurora nascente*: “Tu também pertences ao coro dos anjos. Lê então o cântico com júbilo, e o Espírito Santo despertará.”

Geralmente encontramos elementos de busca e aspiração na música clássica. Mas eles também podem ser encontrados no rock e na música pop. Citaremos um sucesso alemão dos anos 80: “Sete



pontes deves atravessar e passar sete anos sombrios. Por sete vezes cinzas deverás ser, mas, um dia, luz clara serás.” O compositor, o vocalista e os ouvintes sabiam precisamente o que simbolizavam essas quatro regras?

CRIAÇÃO E MÚSICA Inúmeras são as músicas inspiradas que transmitem o anseio de elevação. É interessante notar que no Japão a obra de Beethoven é considerada como a expressão musical de um mestre zen ocidental. Beethoven diz: “O grão de trigo oculto precisa de um solo morno, elétrico e úmido para poder germinar. A música é essa terra úmida, elétrica, onde a semente espiritual pode viver. Toda expressão autêntica é mais forte que o artista e, através dela o artista testemunha da ressonância divina em si próprio. Tudo o que é elétrico estimula o espírito a criar música com facilidade”.

Quando a música aparece, falamos espontaneamente de inspiração musical. Essa é a definição perfeita do autêntico processo criativo. No caminho da inspiração “o motivo musical literalmente desce à consciência do compositor ou do improvisador”. Esse motivo deve então ressoar e ser elaborado no artista e, se possível, num grupo

O homem é uma orquestra

de ouvintes. As incontáveis obras musicais em forma de variações são ideais no que se refere ao desenvolvimento desse processo. No período mais desenvolvido da criação musical, muitos compositores utilizaram esse método.

Algumas citações de músicos ilustrarão tudo o que propomos aqui. Após a primeira apresentação do “Messias”, em Londres, alguém se aproximou de Händel e cumprimentou-o com entusiasmo exagerado. Händel respondeu: “Para mim, teria sido uma decepção se o público tivesse “se divertido”. Meu objetivo é elevá-lo”. Para Leonard Bernstein: “A raça humana estaria salva se soubesse ouvir Beethoven da maneira correta. E se a “Criação”, oratório de Haydn, fosse ouvida como se deve, isso contribuiria para a preservação da criação, que está ameaçada”. Aqui, devemos insistir na condição de ouvi-la da maneira correta. Entretanto, ouvir da maneira certa ou com a justa disposição exige uma grande preparação. Assim, palavras impressionantes permanecem uma ilusão.

Aqui não se trata apenas da música. Trata-se do



nível geral da humanidade, o qual naturalmente reflete-se no mundo musical. Um compositor moderno, Hans Eisler, acredita que “quem apenas compreende a música não compreende nada”. Richard Wagner recapitula o problema, mesclando humor e seriedade: “Apenas consigo pensar em executar minha música após uma revolução. Somente esta poderia fornecer-me artistas e ouvintes valorosos e receptivos. Sobre os escombros da revolução eu conclamaría todos aqueles de quem necessitaria. Não sou nem republicano, nem democrata, nem socialista, nem comunista. Somente o aniquilamento do antigo cria o novo. Uma música que não tende à renovação não possui muito valor”.

Nós vemos, portanto, a que ponto o músico que exerce passionavelmente seu ofício, sua arte, sua missão, é um indivíduo muito especial. Ele oscila incessantemente entre ideal e realidade. Na linguagem moderna científica esotérica poderíamos dizer: com convicção ele se concentra simultaneamente na substância sutil e na substância



grosseira material, focalizando incessantemente sua atenção numa e na outra. Na substância sutil, ele tenta criar o que considera ideal, mas ele é constantemente chamado de volta pelas realidades materiais grosseiras. Ele é assim forçado a fazer concessões, até em sua maneira de viver.

Numerosos são os que, na qualidade de artistas, fazem a experiência de tais concessões por causa dos obstáculos que se apresentam no labirinto da vida. Um dia, Eric Satie, compositor do início do século XX que sempre se manteve independente, deixou escapar a seguinte reflexão: “Quando eu era jovem, sempre me diziam: espere até os cinquenta anos, você então compreenderá. Agora que tenho cinquenta, nada ainda compreendi”. Talvez, então, seria aos sessenta, setenta ou oitenta anos? Não se trata de uma afirmação superficial, o mesmo Satie também diz: “Até agora nunca escrevi uma nota sem uma intenção precisa”. Trata-se sobretudo do testemunho de um homem que, no início da tragédia do século XX, lutava para se livrar das correntes de um mundo totalmente corrompido.

A MÚSICA A SERVIÇO DA ELEVAÇÃO

ESPIRITUAL Consideramos que a orquestra é o mais belo modo de transmitir música. A orquestra forma uma comunidade organizada em seus detalhes mais ínfimos a fim de realizar a unidade na multiplicidade. Diz-se orquestra “filarmônica”, o que significa que seus membros são amigos da harmonia. A orquestra é como um ser humano. O que melhor reflete aquilo que a constitui? No coração dos músicos vibram harmonias, na cabeça cantam melodias, as notas mais agudas e mais graves, os “piano e forte, adagio e allegro”, são insinuados, tocados, soprados. O maestro se encontra diante deles, bem no centro, como garantia de ordem e de harmonia, evitando qualquer caos e conflito. Ele mesmo é um instrumento que recebe a torrente da música para devolvê-la ao seu instrumentário em temas principais ativos. Assim, podemos comparar uma orquestra a uma comunidade paradisíaca; a uma sociedade plena de energia vital, na qual os fiéis colocam sua própria personalidade a serviço do todo, deixando-se conduzir por uma lei espiritual que consideram verdadeira.

Assim, vemos que a imensa paisagem musical é uma expressão da alma humana em todos os planos. Enquanto meio de comunicação, a música supera todas as particularidades familiares, culturais e raciais. Quando a música orienta o desejo rumo ao reino da luz, abre-se uma via sobre a qual se encontram engajadas poucas pessoas; mas basta um passo para que ecoem puras melodias que consolam o coração, enquanto terminam por transmutar-se em uma esfera onde vibram os cânticos que acompanham o homem-alma por toda a sua vida ☸

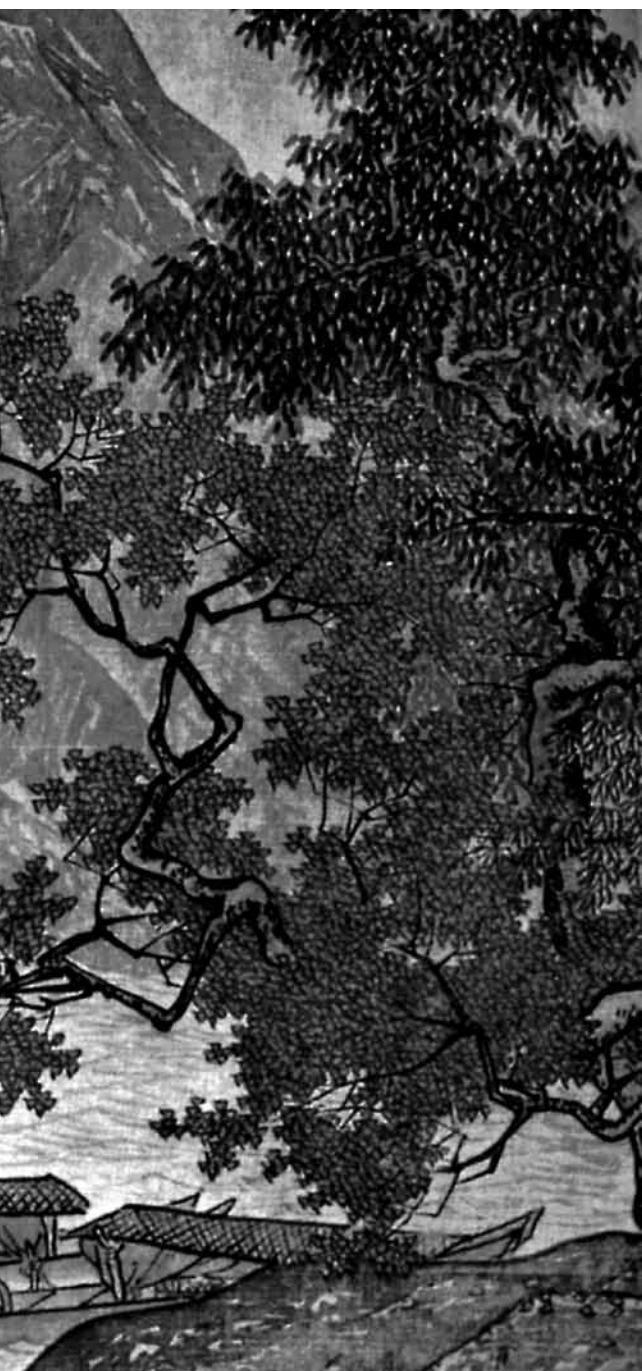
a verdadeira virtude surge por

Lao Tsé seguia *Tao*, o caminho, e exercia *Te*, a virtude. Seu ensinamento não é muito difundido. Seu caminho é o da busca da solidão e do desconhecido. Muitos prodígios e milagres foram relatados a seu respeito, como acontece com os grandes homens.

J.A. Blok



si mesma



Sua única biografia conhecida provém de um historiador chinês, que no ano 91 antes da nossa era, disse: “Lao Tsé era da aldeia de Schiozen, da região Li, província de Khou, estado de Chou. Chamava-se Li, o seu nome de jovem rapaz era ‘R, o seu título Peh-Jang, o seu nome comemorativo Tan (que corresponde à província do Honan na China atual). Nasceu em 604 e morreu em 531 antes da nossa era, cerca de cinquenta e quatro anos antes de Confúcio. Era arquivista do Estado, e o nome pelo qual é conhecido e lhe foi dado mais tarde significa ‘Velho Sábio’”.

Lao Tsé era um homem “reservado e silencioso”, que se mantinha intencionalmente em segundo plano, apesar de suas grandes capacidades. Esse filósofo que mergulhava na essência das coisas mostrava pouco interesse pelas antigas convenções. Ele via as contínuas transformações dos fenômenos subjacentes à única realidade espiritual, a qual ultrapassa qualquer mudança e qualquer fronteira. Dotado dessa genial e ampla visão que penetra a relatividade das crenças, ele estava, no entanto, claramente consciente do valor dos conceitos e idéias humanos. Ele percebia que tudo tinha seu tempo e estava bem e que, quando o tempo tivesse passado, tudo se transformaria em seu contrário. Reencontramos o fluxo eterno dos pensamentos, o “crescer, brilhar e decrescer” de todas as coisas, em suas sentenças paradoxais, nas quais brilha uma ironia sutil. Para o leitor ou o ouvinte desprevenido, elas são frequentemente inusitadas, vagas, incompreensíveis, mas é intencionalmente que “o velho sábio” não esclarece a escuridão, antes torna-a mais impenetrável mediante novos paradoxos.



Tao te king transformado em Daodejing

O título tradicional do livro de Lao Tsé é *Tao Te King*, que os especialistas transformaram em Daodejing, que melhor corresponde à pronúncia desse termo em chinês.

Lao Tsé era um místico que vivia na glória do Espírito. Ele abandonava quem não pudesse segui-lo na sua contemplação interior, deixando-o perplexo. Evidentemente ele não queria lançar pérolas aos porcos. Como outros sábios de sua época, ele era fundamentalmente contra a degenerescência do Império chinês, e, tal como Confúcio, voltava-se para os áureos séculos passados. Contudo, considerava inúteis todas as discussões sobre o que era bom ou não. Para ele, falar muito de virtude sem conhecer-lhe a essência apenas leva à hipocrisia. Para ele, as virtudes só podem emanar de uma base mais profunda, da força intacta de Tao, que é a própria unidade. Se faltar isso, mesmo o mais insistente conselho nada significa. Os antigos eram “virtuosos”; eles emanavam virtudes, sem ostentá-las. E elas ainda não tinham nome. Receberam-no unicamente quando se começou a conhecer os vícios. Lao Tsé queria que se voltasse à simplicidade da origem que chama “a madeira bruta”. Ele supunha que elas tivessem reinado na idade de ouro, pois os antigos eram “naturalmente bons e o bem emanava deles”.

A palavra dos antigos não poderia nos fazer adquirir a sabedoria, ela deveria brotar em nós, e

devemos aplicá-la se queremos que ela seja uma força vivente. Chuang Tsé, que podemos considerar como um dos discípulos mais importantes de Lao Tsé, fala assim em um dos seus livros:

“O mundo pensa encontrar nos livros a melhor definição de Tao, mas os livros são apenas uma coleção de palavras. Se as palavras são preciosas porque levam o pensamento, o pensamento resulta de algo que é impossível exprimir por palavras. Quando o mundo aprecia o valor dos livros pelas palavras que contêm, aprecia o que não tem verdadeiro valor. O que ele vê são as formas e as cores externas, o que entende são apenas sons e nomes. É grande pena que o mundo tome formas, cores, nomes e sons pela essência mesma do Tao. A forma, a cor e a sonoridade das palavras são muito insuficientes para revelar o verdadeiro ser do Tao. Por conseguinte, os que sabem não falam, e os que falam não sabem. E como poderia o mundo conhecer a sua própria essência verdadeira!”

Chuang Tsé continua a nos esclarecer dando outro exemplo:

“O príncipe Huan, sentado em sua sala de recepção, lê um livro. No andar inferior, Pzien, um

o livro da pureza

1. Lao Tsé, o sublime, disse:
“O grande Tao não tem forma, mas gera o céu e a terra e os alimenta. O grande Tao não tem desejos, mas ele faz girar o sol e a lua. O grande Tao não tem nome, mas ele assegura o crescimento e a manutenção de todas as coisas. Não conheço seu nome, mas chamo-o de Tao.
2. Tao se manifesta no puro e no impuro, no movimento e na imobilidade. O céu é puro, e a terra, impura. O masculino é puro, o feminino, impuro; o masculino é móvel, o feminino, imóvel. O que é genuinamente puro desce, ao passo que o impuro é fluido e se espalha; assim tudo foi gerado. O puro é a fonte do impuro, e o movimento, o fundamento do repouso. Se o homem permanecesse sempre puro, calmo e silencioso, o céu e a terra retornariam ambos ao não-ser.
3. O espírito humano ama a pureza, mas o intelecto a corrompe. A razão ama a calma e o silêncio, as cobiças os fazem cessar. Se o espírito é capaz de sempre rejeitar as cobiças, o intelecto fará de si mesmo silêncio. Se a inteligência for depurada, o próprio espírito se tornará puro; os seis desejos (os dos cinco sentidos e o da imaginação) não aparecerão, e os três defeitos (cobiça, cólera e estupidez) se aniquilarão, desaparecendo por si mesmos.
4. Se os seres humanos não podem ter acesso à razão, é porque seu mental não é puro e seus desejos persistem. Quem consegue rejeitar suas cobiças verá que sua razão já não lhe pertence; se considerar seu corpo, verá que ele já não lhe pertence; se considerar as coisas exteriores, verá que já não se interessa por elas. Se compreender esses três pontos, ele estará simplesmente vazio. Esse vazio despertará seu pensamento à contemplação do “nada”. Sem esse “nada”, não existe vazio. Quando o pensamento do vazio desaparece, o “nada” desaparece também, e quando o pensamento do “nada” desaparece, segue-se nitidamente um estado de repouso e de silêncio contínuos. Como, nesse repouso, independentemente do lugar que ocupamos, poderia nascer um desejo sequer? Então, quando já nenhum desejo aparece, reinam o verdadeiro silêncio e o verdadeiro repouso. O verdadeiro silêncio é uma qualidade constante e, nessa disposição, percebemos todas as coisas no interior do ser; sim, essa verdadeira e constante qualidade torna-nos mestre da natureza humana. E essa entrega e esse calmo silêncio proporcionam pureza e repouso contínuos. Quem possui a pureza perfeita chega progressivamente ao verdadeiro Tao. E, quando chegar a isso, ele será chamado mestre do Tao. Embora chamado mestre do Tao, ele não pensa ter na verdade melhorado o que quer que seja. Por proceder à transmutação de todas as coisas vivas ele é chamado de mestre do Tao. Quem está em condição de compreender isso tem o poder de transmitir a outros o Tao sagrado”.
5. Lao Tsé disse: “Os superiores, os que sabem, não fazem esforço; as pessoas de condição inferior se esforçam com prazer. Quem possui uma grande qualidade não a mostra; quem só tem uma pequena se contenta com ela. Quem se contenta com ela e a mostra não é contado como participante “do Tao e de suas qualidades”.
6. A razão pela qual todos os homens não recebem o verdadeiro Tao é porque seu mental está corrompido. Se seu mental está corrompido, seu espírito está perturbado. Se seu espírito está perturbado, eles se deixam atrair pelas coisas exteriores. E, neste caso, eles as buscam com avidez. Ora, essa avidez causa embaraço e tormentos, provocando a confusão do pensamento e lançando o corpo e o espírito na angústia e na aflição. A pessoa experimenta tristeza e humilhação, ela atravessa de forma selvagem e precipitada as consequências dos estados de vida que levam à morte, continuamente arriscada a soçobrar no oceano da amargura e a perder o verdadeiro Tao pela eternidade.
7. O verdadeiro e eterno Tao! Os que o compreendem recebem-no por si mesmos. E os que chegam a compreender o Tao permanecem na pureza e no repouso”.



fabricante de carruagem, ocupa-se de uma roda. De repente, ele depõe o martelo e o cinzel, sobe a escada e diz ao príncipe:

“Posso me arriscar a perguntar a Vossa Excelência que espécie de palavras está lendo?” O príncipe responde-lhe: “A palavra dos sábios”. – “Esses sábios ainda vivem?”, pergunta-lhe Pzien. “Morreram”, responde-lhe o príncipe. “Então, Vossa Excelência lê palavras que são apenas depositárias e resíduo dos antigos.” O príncipe responde: “Como pode, você, um simples artesão, ter algo

aquilo que nunca puderam explicar. O que vossa Excelência lê não é, de fato, senão o depósito e o resíduo dos antigos”.

A visita que Chuang Tsé fez a Lao Tsé para falar de rituais e cerimônias ilustra a simplicidade e a clareza de Lao Tsé, que lhe diz:

“Os ossos das pessoas das quais tu falas desapareceram há muito tempo, e somente restaram suas palavras.

Quando o sábio aproveita seu tempo, ele cresce em seu trabalho; se não aproveita seu tempo, é

Deixa cair teu ar altivo, teus numerosos desejos, tuas maneiras teatrais e tuas grandes ambições

a dizer de um livro que leio?! Pode explicar melhor? Porque, do contrário, tua vida está em risco.” O artesão diz: “Vosso servidor julga isso de acordo com seu próprio ofício. Quando fabrico uma roda de maneira demasiado delicada, a roda é bonita, mas o resultado não é realmente sólido; se golpeio muito forte, é cansativo e as juntas encaixam mal. Mas se os movimentos da minha mão não são nem demasiado suaves nem demasiado impetuosos, consigo realizar a idéia que tenho no espírito. E não há palavra para explicá-lo: há ainda um último golpe a dar que não posso ensinar ao meu filho e que nenhum filho pode aprender de mim. É por isso que, tenho setenta anos e, na minha idade, ainda faço rodas. Por conseguinte, se os antigos morreram e desapareceram com

arrastado como palha ao vento. Eu ouvi dizer que um bom mercador esconde o seu tesouro e parece pobre, enquanto exteriormente um homem virtuoso tem ar de tolo. Deixa cair teu ar altivo, teus numerosos desejos, tuas maneiras teatrais e tuas grandes ambições. Isso não serve para nada. Era isso que eu tinha a te dizer”.

Chuang Tsé saiu e explicou aos seus alunos:

“Sei que os pássaros voam, que os peixes nadam e que os animais dos campos caminham sobre patas. Para estes, pode-se fazer armadilhas; para os que nadam, redes; para os que voam, flechas. Não sei se o Dragão (O Ser divino) voga ao vento e nas nuvens e ascende ao céu, mas, hoje, vi Lao Tsé: ele é semelhante ao Dragão”.

“Lao Tsé praticava o Tao e a virtude. Ele morou

muito tempo em Tsiau. Prevendo a queda de Tsiau, partiu e chegou à fronteira. O responsável pela fronteira disse-lhe: ‘Senhor, vejo que tendes a intenção de retirar-vos; solicito-vos que escreva um livro para mim’. Então, Lao Tsé escreveu um livro em duas partes sobre o Tao e a Virtude, empregando cinco mil sinais, representando cada um uma palavra. Ele se foi, e ninguém sabe onde morreu” ☸

Fonte:

Blok, J.A., Tao Te King, Deventer, 1956.

O texto da página 39, intitulado *O livro da pureza*, que possui a mesma clareza de Lao Tsé e se refere a ele, foi escrito por Ko Chuang (222-272 a.C.).





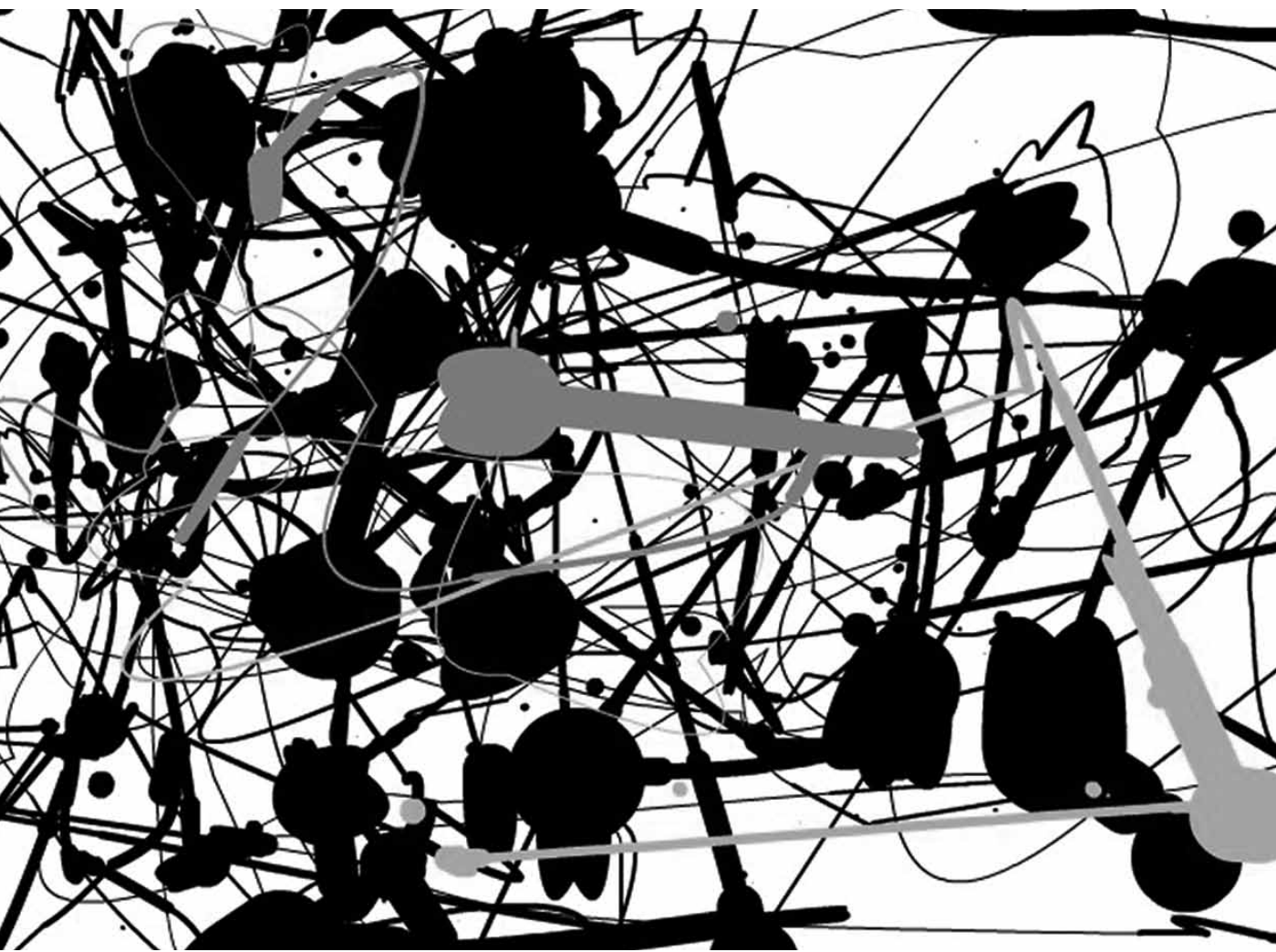
o mistério do coração

Falamos do músculo mais potente do corpo humano e que não envelhece. As células do corpo são extraordinárias: elas se comunicam entre si independente de qualquer consideração de tempo e de espaço. Essa e outras propriedades permitem que o coração humano possa ser o instrumento da luz divina.

Considerando certas propriedades do coração físico, podemos compreender por que esse órgão é o instrumento da luz divina. O coração é o músculo mais potente do corpo humano; e não envelhece como os outros músculos, mesmo se está doente, danificado ou enfraquecido. Desde o princípio, foi criado para preencher uma função importante, do primeiro ao último suspiro do ser humano. Ele é composto por duas partes vizinhas uma da outra, separadas por uma parede intermediária. Cada uma possui sua própria energia, e uma ação e função específica. Cada metade é dotada de uma cavidade superior para onde o sangue afluí e de uma cavidade inferior por onde é expulso. A parte esquerda é mais potente que a direita. Ela dirige o sangue através de uma enorme rede de canais sanguíneos, impulsionando-o com tal força que faria saltar água no ar a dois metros de altura. A parte direita regula essencialmente a circulação de entrada e saída do sangue nos

pulmões com uma força menor, capaz apenas de fazer jorrar água no ar a trinta centímetros de altura.

ENERGIA É A PALAVRA CHAVE Num sistema incessante de contrações e distensões, o coração fornece energia ao corpo durante toda a sua vida. Até nas profundezas do átomo, as unidades energéticas sabem precisamente como comportar-se, como colaborar com outras energias, em quais níveis residir e o momento no qual já não devem manifestar-se. Diz-se atualmente que energia é informação. Dessa forma é possível que a existência das coisas e dos seres varie do átomo a uma única célula, de um organismo unicelular a milhares de galáxias, e ainda não temos plena noção daquilo que chamamos de mundo físico. A consciência de Aquário significa: ter a consciência de que tudo o que é matéria e movimento é energia, e que qualquer energia é informação, ou seja: conhecimento, saber, inteligência, e por conseguinte, na sua origem



mais profunda, sabedoria e espírito. A Escola da Rosacruz Áurea fala a respeito da força da ideação fundamental. As células do coração têm uma maravilhosa propriedade: podem comunicar-se entre si, sem os obstáculos provenientes do tempo e do espaço. Todas as outras células corporais comunicam-se entre si por meio do tecido nervoso. As células do coração não têm necessidade de um intermediário material, sabem diretamente umas das outras o que devem fazer, fora do tempo e do espaço. Comportam-se num plano superior, ou mais profundo: no plano da alma verdadeira onde o tempo e o espaço perderam

qualquer importância. Em virtude das características de suas células, o coração é o gerador de uma energia de frequência vibratória muito elevada: a energia da alma.

CADA CÉLULA DO CORAÇÃO BATE DE MODO DIFERENTE Um gerador é um aparelho transformador de energia: transforma, por exemplo, energia física ou mecânica em energia elétrica. O coração é o principal e mais potente gerador do corpo. Ora, dado que a energia é informação, pode-se empregar esses dois termos no mesmo sentido em dois planos, quer no plano físico (energia-informação) quer no

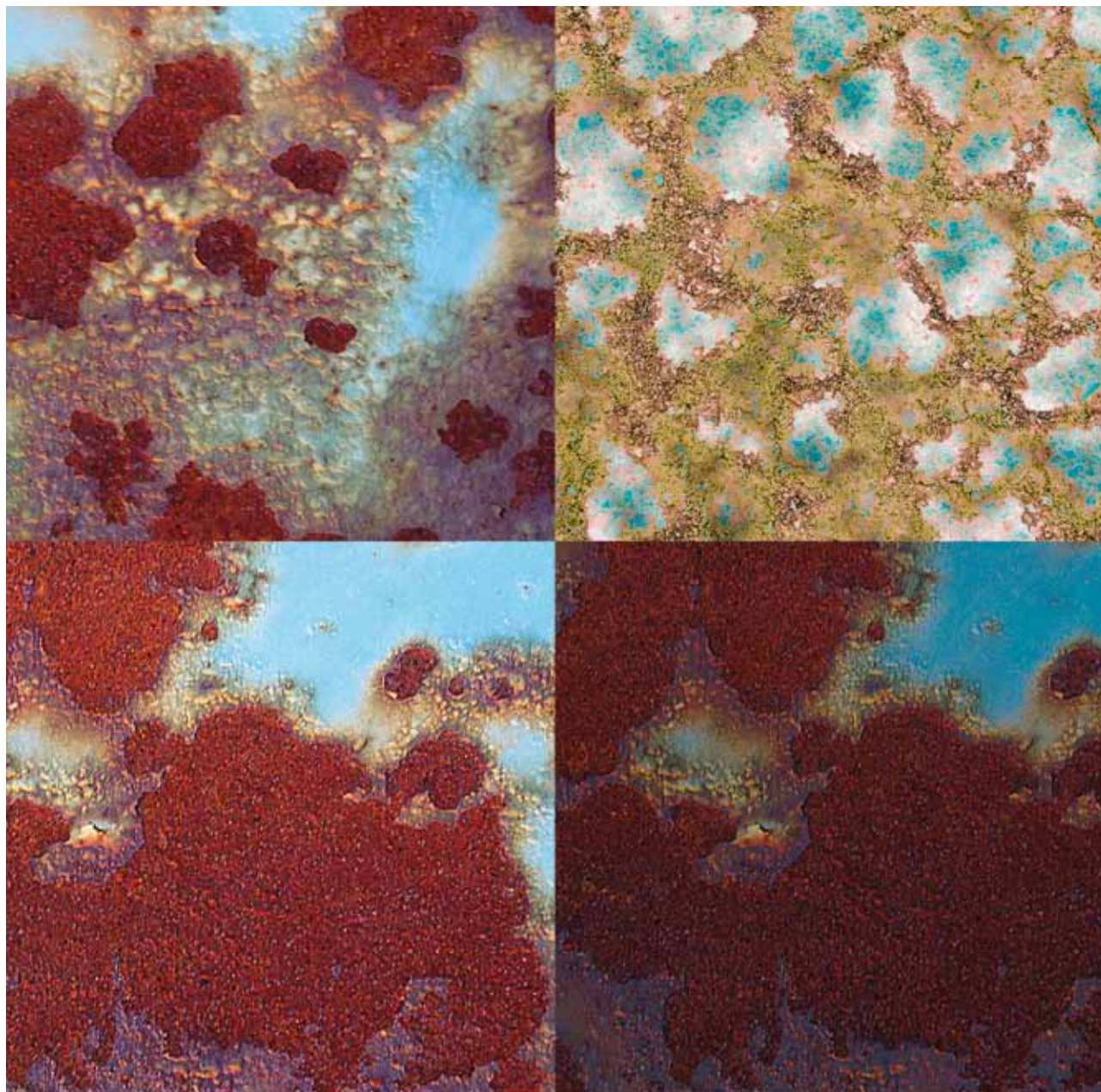


Se as células corporais vibram todas - de fato, são todas energia - o batimento de cada célula do coração é individual e único

plano superior (energia-espírito). Nosso coração envia incessantes fluxos de informações a todos os órgãos e todas as células do corpo. Cada uma das células do corpo – setenta e cinco bilhões – banha-se, por assim dizer, na energia do coração. Cada célula do coração – vários milhões – tem um batimento próprio, o que não é o caso das outras células corporais; e batem comunicando-se entre si de maneira sutil e incessante. Cada coração bate assim de maneira específica. Uma orquestra de milhões de músicos toca, numa indizível união rítmica, uma sinfonia que nos faz sentir e entender o segredo da nossa vida. O batimento do

coração representa mais que alguns simples impulsos, é uma energia misteriosa no plano material, uma energia misteriosa no plano da alma, uma energia misteriosa que põe em prática as maravilhas do espírito, sem ter de contar com o espaço e o tempo. Nosso coração é, portanto, muito potente, muito sutil e silencioso, é o mensageiro do divino que, como faísca do Espírito, repousa em nosso coração sendo ao mesmo tempo onipresente. Essa força de vida divina, chamada também de prana ou prana original, vibra profundamente em nosso coração embora esteja presente em toda parte. Assim, pode-se afirmar que é o coração enquanto órgão físico – que se mostra mais em conformidade com a energia vital original, e que é, por conseguinte, instrumento mais apto a revelar o Espírito divino aos seres humanos. O campo eletromagnético do coração é muito mais potente que o do cérebro. Este último, pode-se dizer que tem um efeito óptico comparável à luz que se vê quando se olha o Sol por muito tempo. O campo eletromagnético do coração é cinco mil vezes mais potente! E isso, de acordo com as medições dos pesquisadores em ciência médica.

40 000 000 DE VEZES AO ANO Nosso coração oculta mistérios com os quais nossos pensamentos não podem nem sonhar e são incapazes



de representar. Nosso coração é literalmente uma energia impulsionadora ao mesmo tempo que é um mistério da luz. Órgão de luz, ele está apto a reagir à luz divina que transcende o espaço e o tempo. Os grão-mestres repetiam-no freqüentemente: “A cada batimento do coração, Cristo nasce em vós”. “A maravilhosa sinfonia que se pode ouvir através dos batimentos do coração é a silenciosa mensagem do grandioso mistério da vida.” Esse mistério torna-se ainda mais profundo se pensarmos,

preenchidos de amor, que uma faísca divina habita o nosso coração. A luz divina é indivisível, opera de maneira onipresente. Singular e única, além do espaço e do tempo, é no entanto o centro, o coração microcósmico do nosso ser verdadeiro, ao mesmo tempo central e onipresente. Nosso coração é o gerador, o transformador das vibrações da luz original. Por volta do vigésimo quinto dia da gravidez a mulher pode ou não saber que está grávida, porém o coração do embrião já formado

Mesmo que tenhamos medo de tudo, não há senão um único medo: o da morte

começa a bater, mais ou menos uma centena de milhares de vezes por dia, o que perfaria um total de quarenta milhões de vezes por ano. Durante um período de setenta anos, ocorrem quase três bilhões de batimentos. Poderíamos nos perguntar: como é possível que um ser humano, mesmo que apenas uma vez na vida, não perceba o chamado de seu coração, não ouça o misterioso bater à porta de sua existência? Com exceção dos outros órgãos, podemos ouvir nosso coração sem cessar. Ele tem sua tonalidade específica, e é possível sentir o nosso pulso, o ritmo dessa melodia, no nosso corpo inteiro. Quanto aos outros órgãos, sentimos a sua presença apenas quando um deles não vai bem, quando está obstruído, indisposto ou doente. Ao contrário, sentindo e ouvindo o nosso coração, percebemos a sua presença indestrutível, e isso representa também uma mensagem importante: o coração é uma imagem material da presença eterna da luz divina.

UM TAGARELA IMPENITENTE Nosso cérebro fala-nos da presença do nosso ego, nosso eu terrestre. É evidente que numerosos fatores formam nosso eu temporal, mas é no cérebro que ele tem a sua residência principal. A voz do eu nunca se cala. Ela manifesta-se na cabeça, para em seguida derramar-se como uma cascata, noite e dia, sem cessar, no resto do corpo. E, do cérebro, as palavras descem como a água e penetram o corpo inteiro. Através dos inúmeros filamentos nervosos que partem do

cérebro, a voz do eu ressoa em todas as partes do corpo. O velho deus do cérebro governa e rege, e não quer abandonar seu domínio sobre o corpo. O cérebro está incessantemente alerta e reage continuamente aos impulsos, por instinto de conservação. É natural lutar para sobreviver, servir-se de mecanismos de salvaguarda como as impressões, a experiência, a reflexão, a vontade. No cérebro, seu deus desconfia constantemente e lança olhares penetrantes, ou furtivos, ao redor de si a fim de reagir à mais ínfima agressão, verdadeira ou imaginária, defender-se e contra-atacar utilizando as mais variadas estratégias para assegurar sua segurança e conservar sua vida. É interessante notar que o cérebro não adormece nunca. Não estamos falando das funções que asseguram discretamente a sobrevivência do corpo, mas sim da atividade mental do deus do cérebro, que prossegue durante a noite e influencia muitos sonhos. Além disso, todas as angústias provêm do cérebro. Pode-se dizer que há apenas uma única angústia: o medo da morte. Ainda que estejamos presos a diversas preocupações, quaisquer que sejam, é correto falar apenas dessa única angústia. O deus do cérebro teme a morte, teme desaparecer e procura, portanto, sem cessar, novos estímulos, novos interesses. Ele não se apóia em coisas antigas, porque nelas não há nada de novo, ele procura o sensacional, literalmente o que estimula os sentidos, sem o que, enfraquece. A calma e o silêncio são para ele um suplício. Mesmo se imaginar ocasionalmente que tem



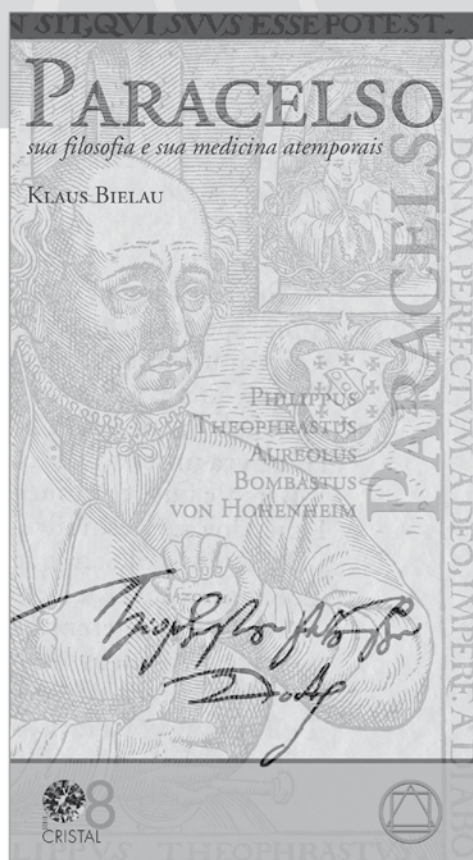
Em todo o Universo, não há nada que aproxime mais de Deus do que o silêncio

necessidade de silêncio, para retomar o fôlego a fim de poder continuar no que há de mais belo, não se trata de verdadeira calma. Não haveria absolutamente nenhuma dificuldade em falarmos durante horas dos traços de caráter do deus do cérebro. Ele é perito na arte de se mostrar, e falar muito é exatamente uma das suas características. Mas voltemos ao coração e, pelo coração, ao silêncio do estado divino. O silêncio interno destrona o deus do cérebro; então esse mestre ilegítimo torna-se novamente um empregado enquanto for necessário. A finalidade do cérebro é servir, e não governar. Ele deve, por fim, tornar-se a sede, o trono, do espírito.

INFORMAÇÃO É ESPÍRITO A energia continua sendo informação. E a informação em seu estado mais puro, no estado divino, é espírito. O significado original da palavra espírito é: respiração, mobilidade, atividade. Hermes nos ensina que qualquer movimento se dá num ambiente imóvel. A intuição não murmura no mais profundo de nosso coração? Suponhamos o seguinte: ao dissolver-nos no mais silencioso saber do coração, haveria uma energia de frequência vibratória tão elevada que a palavra “elevada” seria fraca demais para qualificá-la. E qualquer adjetivo limitaria ainda mais essa palavra. Essa energia é extremamente grande, rápida, e onipresente. Seria necessário qualificá-la de divina porque, de fato, ela escapa ao conhecimento humano. Ela é a fonte de todas as energias, a causa imutável

de qualquer movimento, o repouso absoluto. Pode-se considerar que essa força é um estado absolutamente puro, onipresente, um estado divino. Onde essa energia espiritual divina se manifesta, o silêncio reina profundamente. Tudo provém desse silêncio, ele “é”.

Mestre Eckhart disse que nada no universo inteiro se assemelha a Deus como a calma e o silêncio. A cada batimento do coração nasce em nós a misteriosa força do silêncio. Porque o coração é o instrumento pelo qual as energias que transcendem o espaço e o tempo podem trabalhar. Para entrar em contato ao nível do coração com a paz e o silêncio, e receber o estímulo, é absolutamente necessário que o deus do cérebro, o ego, entregue-se totalmente aos impulsos que afluem através do coração. É impossível ao deus do cérebro fazer silêncio por ele mesmo, cada uma de suas tentativas nesse sentido é ainda uma afirmação da sua própria existência. É a comprovação da sua completa impotência que dá ao ego a sua única possibilidade: voltar-se ao forte impulso do coração. Essa rendição não deve nunca ser um ato do eu, porque cada ato do eu o fortalece; trata-se de ser atraído pelo mistério divino do coração, pela centelha do Espírito que vibra no mais profundo desse coração. A entrega, a rendição do eu, não é o resultado de uma ação, de um exercício ou de uma representação. Ele resulta da força de atração do núcleo de luz divina que vibra em nosso coração, que se abre para a vida original ✪



PARACELSO

sua filosofia e sua medicina atemporais

KLAUS BIELAU

Quais as verdadeiras causas das doenças? Como curá-las?
Neste livro, o autor nos desvenda Paracelso, filósofo, alquimista e o médico mais famoso de sua época, que respondeu a essas questões ao mostrar o que é a Medicina superior, capaz de realizar a cura fundamental do ser humano. É preciso buscar a perfeição, na qual estão força e poder, a fim de alcançar a verdade. Essa fonte de perfeição está em Deus.

EDITORA LECTORIUM ROSICRUCIANUM
Caixa Postal 39 - 13 240 000 - Jarinu - SP - Brasil
Tel (11) 4016.1817 - fax 4016.5638
www.lectoriumrosicrucianum.org.br

NÚMERO DE PÁGINAS: 112
R\$ 24,00
ISBN: 978-85-88950-48-1

Existe uma linguagem universal expressa na música, em símbolos e imagens. Ela não se dirige primeiro ao intelecto, mas à alma que desperta. É uma onda portadora de beleza para o mundo e uma força que incita a criar a fim de tocar outros. É mediante essa linguagem que a luz se manifesta na matéria. Ela expressa algo que, digamos, ainda não existia. No século XII, o gnóstico persa Sohravardi (1153-1191) foi um mestre dessa linguagem. Em muitos textos ele descreve como outrora as almas humanas caíram nas trevas e como um dia elas podem voltar de novo ao país da luz. Esse mestre da iluminação afirma: “A Gnose árabe está radiante no meu *Ishraq* (iluminação)”. E, alegre, acrescenta: “Mas ainda mais magnífica é a universalidade da Gnose”. “Diz-me, Sohravardi”, assim o anjo Gabriel murmura, “no fundo, como atingiste essa sabedoria?”

Num artigo sobre música citamos o pensador francês Victor Hugo: “A música expressa o que não conseguimos dizer e o que é impossível calar”. E Rudolf Steiner explicava: “O que a alma experimenta no caminho de sua iniciação não pode ser compreendido; mas pode ser cantado ou transformado em composição musical”. A linguagem da alma é usada pelos que querem ligar-nos de novo com a grande luz da qual outrora surgimos. Fala-se que, no fim dos tempos, os filhos da luz tocarão uma música perfeita para seu criador. Eles entoarão todos os temas da maneira correta. Haverá harmonia perfeita. Cada um reconhecerá a tarefa do outro dentro do coração como ele mesmo será reconhecido, e todos entenderão perfeitamente as intenções da luz.

